



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores
Departamento de Educação
Curso de Pedagogia

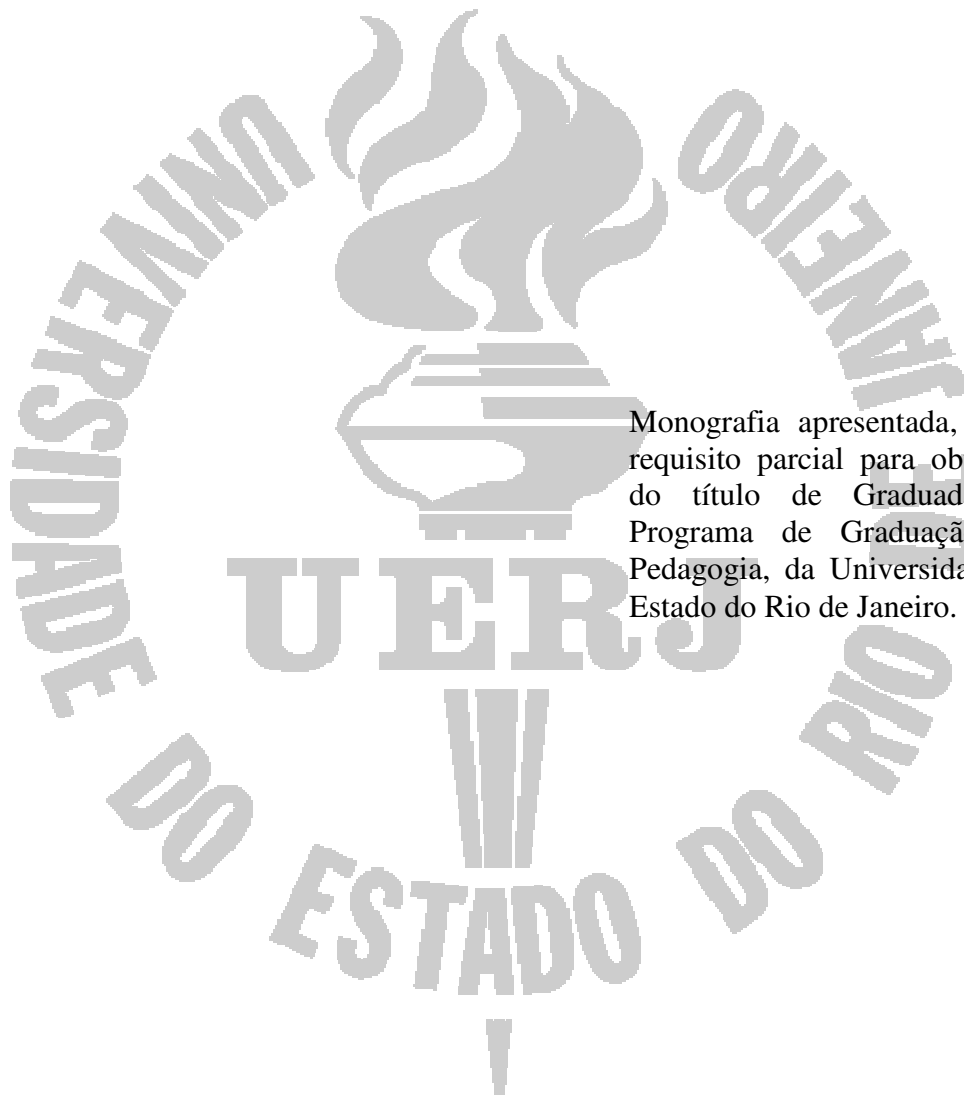
SUZANA DE QUEIROZ DA SILVA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELAÇÕES DE TROCA EM BUSCA DE UM
ESPAÇO MENOS SEGREGADO**

São Gonçalo,
2008

SUZANA DE QUEIROZ DA SILVA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELAÇÕES DE TROCA EM BUSCA DE UM
ESPAÇO MENOS SEGREGADO**



Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada, ao Programa de Graduação em Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a. Mestra Tania Marta Costa Nhary

São Gonçalo,
2008

SUZANA DE QUEIROZ DA SILVA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELAÇÕES DE TROCA EM BUSCA DE UM
ESPAÇO MENOS SEGREGADO**

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada, ao Programa de Graduação em Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em _____

Prof^ª. Mestra Tania Marta Costa Nhary (Orientadora)
Departamento de Educação UERJ/FFP

Sônia de Oliveira Câmara Rangel
Departamento de Educação UERJ/FFP

São Gonçalo,
2008

DEDICATÓRIA

Primeiramente ao Deus Pai Todo Poderoso e a todos que acreditaram na minha capacidade e me incentivaram na luta pela conquista de meus ideais. Em especial, aos amores da minha vida: minha mãe, meu pai, minha irmã e meu namorado.

AGRADECIMENTOS

Ao Cristo que sempre esteve me guiando durante todo este processo.

Às pessoas que dão sentido a minha vida. Aqueles que me ensinaram a ser quem eu sou, a buscar todos os meus desejos, a não desistir mediante as dificuldades, a sempre olhar para o lado, a partilhar, a viver em paz, a lutar pelos meus ideais... Pai, mãe, vocês que sempre serão espelhos para minha vida, quero que saibam o quanto sou grata por tudo que fizeram por mim, por sempre terem me apoiado em todos os acontecimentos da minha vida e por todos os momentos difíceis onde juntos nos amparamos. Amo muito vocês!

A minha irmãzinha querida que tanto amo. Tu que acompanhastes e me auxiliaste nesse processo de conclusão. “Todas as obras do Senhor são boas: Ele põe cada coisa em prática quando chega o tempo”. (Eclo 39,39)

Ao meu amor, pela paciência inesgotável. “Não é suficiente viver. São necessárias razões para viver”. (Autor anônimo)

À professora orientadora, Tania Marta Costa Nhary, pelo encorajamento contínuo durante a realização do trabalho. A sinceridade e a paciência podem ser consideradas grandes virtudes.

Aos mestres da vida!

Aos amigos que participaram direta e indiretamente desse processo sofrido, porém, gratificante.

Enfim, a todos...

“Eu dou sempre o melhor de mim. E sei que só assim é que talvez se mova alguma coisa ao meu redor...” (Pitty)

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem por objetivo ampliar as reflexões acerca da efetivação da Educação Física (EF) escolar, questionando o valor atribuído a esta e a forma com que a prática tem ocorrido no contexto escolar pelo viés do compromisso e desafio que acerca e propondo uma relação de troca entre as diversas áreas do conhecimento, como forma de superar a compartimentalização de saberes muito presente no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa foi realizada por meio de observações e entrevistas realizadas com professores de diferentes campos de atuação, situados numa escola da rede estadual de ensino, localizada na cidade de São Gonçalo. Tais mecanismos foram escolhidos como forma de tentar compreender como a EF tem se efetivado, sua importância no contexto escolar, seu reconhecimento e questionando uma possível interdisciplinaridade a partir desta área do conhecimento. Com propósito de dar maior visibilidade à temática-EF escolar, em seu processo histórico que determinou diversas tendências e abordagens pedagógicas, elaborou-se o capítulo I e o capítulo II baseados em autores como Resende, Nhary, Ghiraldelli Jr., Darido, Castelani Filho, Kunz e obras como o PCN de EF e Coletivo de Autores. O capítulo III apresenta uma breve discussão sobre Currículo e EF e sobre uma possível interdisciplinaridade, tendo como base teórica o Coletivo de Autores e o PCN de EF. No capítulo IV são apresentados os dados encontrados no campo em diálogo com teorias e concepções expostas neste trabalho. Nas considerações traço alguns indícios de como é (ou poderia ser) concretizada a EF escolar como meio de modificar as formas como esta é compreendida no âmbito da escola.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Tendências e abordagens pedagógicas. Relações de troca.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS TENDÊNCIAS	15
1.1	Tendências Norteadoras da educação física	16
1.1.1	<u>Educação Física Higienista/Eugenia (até 1930)</u>	17
1.1.2	<u>Educação Física Militarista (1930-1945)</u>	19
1.1.3	<u>Educação Física Pedagogista (1945-1960)</u>	20
1.1.4	<u>Educação Física Competitivista (1960-1970)</u>	21
1.1.5	<u>Educação Física Popular (a partir de 1980)</u>	23
2	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA	26
2.1	Pelo viés de algumas abordagens pedagógicas da Educação Física	28
2.1.1	<u>Abordagem Desenvolvimentista</u>	29
2.1.2	<u>Abordagem Construtivista–Interacionista</u>	30
2.1.3	<u>Abordagem Crítico–Superadora</u>	31
2.1.4	<u>Abordagem da Psicomotricidade</u>	32
2.1.5	<u>Abordagem Cultural</u>	32
2.1.6	<u>Abordagens dos Parâmetros Curriculares Nacionais</u>	33
2.1.7	<u>Abordagem Critico-Emancipatória</u>	34
2.2	Refletindo sobre as abordagens	35
3	EM BUSCA DE UM ESPAÇO MENOS SEGREGADO	37
3.1	Currículo e Educação Física escolar	40
3.2	Relação de troca	44
4	ACHADOS E PERDIDOS: UMA REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	46
4.1	O que é EF? Eis a questão?!	47
4.2	Como a E.F. tem se concretizado na escola?	50
4.3	Qual o papel do professor de E.F.?	52
4.4	Quais as maiores dificuldades/desafios enfrentados pela E.F. no contexto escolar?	54
4.5	É possível a interdisciplinaridade entre a E.F. e as demais áreas de ensino?	55
5	CONSIDERAÇÕES: A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: UMA	

CONVERSA.....	57
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

Educação Física Escolar? Quem não se lembra das aulas de Educação Física? Você participava ou ficava observando? Qual a finalidade da Educação Física na escola?

Pensar em Educação Física (EF) remete-me as minhas memórias escolares, onde contava os dias para a tão esperada aula.

As aulas de EF eram sinônimo de liberdade, do poder se expressar, do extravasar energia, do jogar, do brincar, do divertir, etc. Porém, sabe-se que nem todos os alunos pensavam por tais prismas, pois, era nesta aula que muitos acabavam excluídos por suas habilidades, por seus biótipos ou, simplesmente, por não gostarem de participar de atividades físicas e não serem estimulados para a prática destas.

Lembro-me que apenas na 4ª série comecei a ter aulas de EF na escola e que esta se resumia a duas aulas semanais em que meninos jogavam futebol num espaço improvisado com cadeiras delimitando e simbolizando o gol e meninas pulando corda ou amarelinha e, raramente, jogando queimada.

O fato de apenas me lembrar das aulas de EF a partir da 4ª série pode estar associado à não valorização desta enquanto componente curricular da Educação Básica, integrada à proposta pedagógica da escola, em decorrência da Lei 5692 de 71, onde as primeiras séries do ensino fundamental não tinham a EF como disciplina obrigatória. Talvez por isso, eu não tenha usufruído as mesmas na escola em que estudei neste segmento escolar.

A prática da EF escolar, que vivenciei a partir 4ª série, reflete uma EF que não trabalhava (ou trabalha) com as diferenças. Isso fica evidenciado no fato da distinção de gênero, masculino e feminino, onde rotulava-se as “competências” de meninos e de meninas. Por esta razão, futebol para eles e queimada para elas.

Pode-se dizer que as diferenças entre as “competências” de meninos e de

meninas são determinadas social e culturalmente, cabendo à família e a escola trabalharem com estas e sobre estas diferenças, de forma a estimularem a formação de uma consciência de respeito, evitando atitudes preconceituosas e a formação de estereótipo fixo marcado pela frase “ISSO É COISA DE MENINO (A)!”. Esta questão de gênero define não somente as condutas sociais, mas inibe desejos. A disciplina de EF é uma das que esta divisão, feminino/ masculino, é bem demarcada.

Quando passei para a 5ª série, hoje 6º ano, fui para outro colégio Estadual, considerado de grande porte em função do espaço físico, do número de alunos e funcionários e do aspecto administrativo. Neste colégio, a EF já não acontecia num espaço adaptado, pois havia uma quadra e um pátio grande onde era improvisada uma rede de vôlei como forma de possibilitar um outro espaço para as práticas. Já que a quadra, esta não comportava várias turmas num mesmo horário. Mas será que as aulas de EF só podem acontecer em espaços abertos? Será que o quadro de horários construído pela escola valoriza a EF? Será que esta disciplina está sendo realmente entendida como componente curricular da Escola Básica? Há espaço-tempo para sua prática efetiva nas escolas?

Durante a minha vida escolar, as aulas de EF foram marcadas por jogos competitivos com ênfase nas habilidades individuais, o que afirma a reprodução de uma tendência pedagógica tradicional desta área, a tendência Competitivista, que permeia as práticas na EF escolar até hoje.

A tendência Competitivista visa, por meio da competição, estimular a superação individual a qualquer custo, mesmo em detrimento do outro, valorizando os mais habilidosos, os mais altos, os mais fortes e enaltecendo apenas os resultados positivos.

Jogos, brincadeiras, lutas, ginástica, danças são práticas que remetem as concepções de corpo e movimento. São propostas mais atuais e que surgiram a partir de novos rumos tomados pela EF escolar, sobretudo, na década de 80 e sob a influência da psicomotricidade. A obra Metodologia do ensino de Educação Física organizada por um Coletivo de autores, em 1992¹, discutiu mais profundamente esta questão e foi um marco nesta área de conhecimento.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (2000), a área de EF tem seu trabalho fundamentado nas concepções de corpo e movimento. Porém,

¹.SOARES, C L, Et All.- Coletivo de autores. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

será que o trabalho da EF escolar tem estar concentrado apenas no corpo e no movimento?

A minha infância, a minha vida, sempre foi repleta de muitas brincadeiras, práticas desportivas como dança, vôlei, natação e futebol e acredito, em função disso, que o movimento foi o fator imprescindível para meu desenvolvimento motor, social, afetivo e psicológico.

Entende-se que o ser humano não é algo estático, embora em determinados momentos possa ficar parado por imposições, limitações ou por outros fatores. Então, partindo do princípio que o ser humano não é estático, pode-se dizer que o movimento é uma ação natural e que possibilita o desenvolvimento desta espécie atendendo suas necessidades e desejos.

A E.F. escolar sempre teve suas concepções de educação centradas no corpo e no movimento, utilizando estes como meio de educar. Porém, as formas como o corpo e o movimento têm sido entendidas, tanto sócio-culturalmente quanto por esta área do conhecimento, estão extremamente relacionadas a um processo histórico que traz consigo mudanças relevantes nas concepções de EF escolar e que assumiram determinadas formas e maneiras de atuação de acordo com as tendências pedagógicas efetivadas em uma determinada época. Entretanto, mesmo com a evolução, as tendências anteriores deixaram resquícios que marcam as práticas contemporâneas.

Pensar em EF escolar, hoje, é acreditar numa prática educativa que contemple aspectos afetivos, cognitivos, motor, psicológicos, biológicos, culturais e sociais. Desta forma, a EF escolar deixa de ser entendida apenas como uma hora de recreação onde os alunos e os profissionais da área ficam a vontade, e nem mesmo como disciplina técnica que trata apenas do condicionamento físico. Por esta outra perspectiva, ela pode ser entendida como uma disciplina capaz de articular corpo, movimento e mente em seus aspectos mais significativo, o que acarreta no que Wallon, segundo Galvão (1995), chama de "Educação da pessoa completa".

O fato de estar cursando a faculdade de EF paralelamente com a de Pedagogia foi um fator de grande relevância na escolha do tema "EF escolar" e, principalmente, por acreditar que a EF é uma prática pedagógica que deve estar articulada e integrada as propostas pedagógicas da escola. Porém, será que a EF tem sido reconhecida, dentro do contexto escolar, como área do conhecimento que tem grande relevância tanto quanto as demais disciplinas? Ou será que a EF ainda

tem sido entendida como um mero momento recreativo em que alunos aliviam a tensão de sala de aula e não precisam pensar?

Outro aspecto relevante na escolha do tema foi o fato de estar estagiando na área de EF no âmbito escolar em turmas de ensino fundamental da EJA. E, em conseqüência do estágio, tenho presenciado uma prática com ênfase no "rola bola"², justificada pela falta de recursos materiais que possibilitem uma prática melhor. Outra questão que tenho presenciado é o não reconhecimento, por parte da escola, da EF enquanto área de conhecimento que tem grande importância, tanto quanto a Matemática, por exemplo, e, acima de tudo, pela não valorização dos profissionais da área e pelos poucos investimentos financeiros em relação à mesma.

Busquei trazer neste trabalho a E.F. escolar como área do conhecimento que possui suas especificidades e que deve ser valorizada como qualquer outra área do conhecimento. Parto do princípio que o trabalho da E.F. escolar não se resume no corpo, no movimento e no "rola bola", mas que pode abranger dimensões culturais, sociais, políticas e afetivas, entendendo o aluno como ser bio-psico-social-cultural e motor.

Mediante a angústia que sinto ao perceber que a EF escolar vem sendo resumida a mera prática desportiva, busco, através do tema, um debate claro que promova uma reflexão acerca da valorização da EF escolar como área do conhecimento, pois, incomoda-me ver que as práticas docentes da grande maioria de profissionais da EF ainda estejam impregnadas pela tendência competitivista, marcadas ou evidenciadas pelo famoso "ROLA BOLA".

Reforço a importância do tema e a atualidade do mesmo, pois possibilitará um debate crítico reflexivo sobre a forma com a EF escolar tem sido entendida por profissionais de diferentes áreas.

O objetivo do presente estudo centra-se em compreender as diferentes perspectivas da EF no contexto escolar, analisando e discutindo seus (des)caminhos para uma relação mais estreita entre as propostas escolares e a própria EF escolar. Dessa forma, este estudo possibilitará uma discussão acerca dos compromissos e desafios desta na atualidade em profunda relação com a educação.

Há algum tempo, tem-se debatido sobre a prática da EF escolar e sobre o processo histórico que resultaram em diversas tendências pedagógicas que

² "Rola bola"-termo utilizado na EF para designar uma aula, sem objetivos fixos, baseada na mera prática desportiva de uma modalidade, geralmente o futebol, o vôlei ou a queimada.

nortearam e norteiam a EF escolar na atualidade. Objetivando a compreensão da forma com que a EF escolar tem se dado hoje, foi realizado um estudo sobre as tendências e abordagens pedagógicas da área. O estudo teve como base os autores Ghiraldelli Jr (1998), Resende (1994), Nhary (2005), Darido (2003), Castelani Filho (1993), Kunz (2004) e obras como o PCN de EF (2000) e o livro-Metodologia do ensino de Educação Física (Coletivo de autores, 1992), que é considerado um diferencial nas propostas pedagógicas de EF.

Levando em consideração que a E.F. é uma área de conhecimento do campo da educação, a presente pesquisa também tentou apreender como as práticas pedagógicas desta disciplina têm sido compreendidas e efetivadas hoje no contexto escolar, levando-se em conta que é um componente curricular obrigatório da Escola Básica.

O autor Resende (1994), dentre outros, possibilitou a reflexão sobre os princípios didático-pedagógicos para o ensino da E.F. e sobre a concepção e objetivos gerais da E.F. na Escola Básica.

O PCN de E.F. e a LDB 9394/96 facilitaram o debate acerca de uma E.F. integrada à proposta pedagógica de uma escola.

Com o intuito de refletir a docência em seus desafios e compromissos mediante a EF escolar, utilizei Paulo Freire e sua obra "Pedagogia da autonomia" (1996) a fim de pensar as exigências da prática educativa nesta área de atuação.

A pesquisa bibliográfica embasou e proporcionou o desenvolvimento de um debate crítico-reflexivo sobre do tema. Por sua vez, a pesquisa de campo, de cunho qualitativo, foi realizada com cinco professores de uma escola da rede estadual de ensino situada no município de São Gonçalo. Com o intuito de verificar as formas como a EF tem sido entendida e realizada no âmbito escolar e os desafios desta disciplina neste contexto, foram coletados dados através de um questionário com dez perguntas respondidas por professores de diferentes áreas.

A coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário com perguntas abertas, elaboradas por mim e respondida por quatro professores e uma coordenadora pedagógica. Alerto que este pequeno campo de análise não revelou, de forma alguma, a real situação da EF e suas relações com a área de Educação, mas deu pequenos indícios de uma dada realidade, o que permitiu uma maior visibilidade dos temas tratados.

O trabalho está organizado da seguinte forma: O Capítulo I aborda as

tendências pedagógicas que nortearam a EF em determinados tempos apontando os resquícios deixados, ainda hoje, na prática desta disciplina; o Capítulo II aponta as abordagens pedagógicas da EF que surgiram como meio de superar os ideais esportivista enfatizados pela EF escolar; Capítulo III apresenta uma breve discussão sobre Currículo e EF e sobre uma possível interdisciplinaridade; O Capítulo IV busca, a partir das entrevistas e observações realizadas no campo, uma reflexão sobre a forma como a EF é entendida no âmbito escolar hoje, suas competências e desafios na mediação do conhecimento e sobre a possível interação entre EF e as diferentes disciplinas escolares. Na última parte, dedico-me a registrar as impressões deixadas pela pesquisa, tanto em relação ao referencial teórico quanto à análise dos dados do campo, focando a compreensão da relação entre educação física escolar e educação.

CAPÍTULO I: A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS TENDÊNCIAS

O que é Educação Física (EF)?

O que é EF? Eis a questão!?

A Carta Brasileira de Educação Física (1998), que vem regulamentar esta profissão, apresenta diferentes definições entre as quais estão presentes os seguintes significados que a EF contempla:

O corpo de conhecimento, entendido como o conjunto de conceitos, teorias e procedimentos empregados para elucidar problemas teóricos e práticos, relacionados à esfera profissional e ao empreendimento científico, na área específica das atividades físicas, desportivas e similares; o componente curricular obrigatório em todos os níveis e modalidades de ensino básico, cujos objetivos estão expressos em Legislação específica e nos projetos políticos pedagógicos; o conjunto de atividades físicas e desportivas. (CBEF, 1998, p.06)

Pensar numa concepção de EF não é tão simples como se pode imaginar, principalmente tendo em vista que a EF tem seus fundamentos centrados nas concepções de corpo e movimento. Relacionar corpo e movimento requer, antes de tudo, uma análise complexa da forma como este corpo e seu movimento foram e são entendidos durante o decorrer do tempo em relação ao espaço escolar. Como se pode perceber na citação acima, a própria Carta Brasileira da Educação Física relaciona conhecimentos teóricos e práticos que, com caráter científico, focam o movimento humano por meio das atividades físicas e desportivas no campo educativo. De fato, pensar em educação física escolar traz uma aproximação muito direta ao desporto e às atividades físicas. Esta é uma forte marca deste campo, mas será que sempre foi assim? Até quando terá a Educação Física esse referencial no contexto escolar? Quais as dimensões do entendimento de corpo e de movimento por esta área de conhecimento ao longo de sua inserção na educação?

Delimitar o que é EF talvez só faça sentido se nos preocuparmos em compreender a forma com que esta tem se dado ao longo do tempo. As concepções de EF têm sido construídas historicamente de acordo com as tendências que norteiam a prática.

Acredita-se que as tendências são assumidas e se refletem na prática de forma a explicitar uma época, retratando conceitos, intenções políticas e um ideário pedagógico. No entanto, tais práticas podem (e muitas vezes são) incorporadas por outras épocas e tendências.

Entender o que é EF é, primeiramente, atender para as tendências que norteiam a prática desta. No caso da EF escolar, entender a prática pedagógica é uma possibilidade de se refletir sobre a forma com que tem se efetivado e quais seus objetivos neste contexto.

Dessa forma, apresento uma pequena abordagem das tendências que se manifestaram no decorrer da história da EF, na visão de Paulo Ghiraldelli Jr e que pode ser um auxílio na reflexão crítica sobre as teorias e metodologias presentes hoje nesta área do conhecimento e no modo como esta vem sendo entendida. Dessa forma, a partir desta concepção das tendências analisarei os dados coletados no campo desta pesquisa.

1.1- Tendências norteadoras da Educação Física

A EF brasileira durante um processo histórico, assumiu tendências que deixaram marcas e que são reproduzidas até hoje nesta área.

Compreende-se que a educação está atrelada às perspectivas ideológicas que marcam suas práticas. Tal aspecto da educação está vinculado à idéia de que os objetivos desta estão atrelados a interesses presentes nas relações sociais. Portanto, tendo em vista que a educação tem seus objetivos definidos a partir de interesses, pode-se afirmar que esta tem um caráter político sustentado por classes de poder e ação política. Freire (1996) infere que a educação não é neutra e que o ato de educar é político.

Assim, como a educação geral, a EF também é um campo em relação profunda e direta com as perspectivas ideológicas. Porém, tais ideologias, associadas aos interesses políticos, vão se modificando de acordo com os ideais

majoritários presentes em um determinado contexto social.

Estudar as tendências pedagógicas da EF também é entender a relação entre concepções e interesses sociais refletidos na forma com que a EF escolar vem acontecendo ao longo do tempo. Tal estudo, talvez seja um meio de se pensar a EF, de modo que se entenda e questione a forma com que esta vem se afirmando enquanto área da educação e ensino, que não deve ocupar lugar secundário na organização escolar.

Para que a EF não ocupe tal posição, entendida como apêndice na organização escolar, é necessário que esta seja repensada como uma área de ação pedagógica que entende o aluno como sujeito do conhecimento, capaz de conhecer e atuar de forma crítica sobre sua realidade. Faz-se, então, necessária uma emancipação, uma ruptura com os interesses da classe dominante, hegemônica, detentora do poder político, social e simbólico, de forma que a EF tenha um papel social que represente os anseios de uma sociedade. Dessa forma, EF e Educação devem, juntas, assumir princípios e práticas pedagógicas que possibilitem uma ação crítica, reflexiva, autônoma e consciente.

Buscando um debate sobre a EF escolar, traço, nesta parte da pesquisa, uma breve abordagem sobre as tendências pedagógicas que nortearam a prática desta ao longo de um processo histórico.

As tendências, propostas por Ghiraldelli Jr (1998), que serão apresentadas no decorrer deste primeiro capítulo são: Higienista, Militarista, Pedagogicista, Competitivista e Popular.

Embora as tendências tenham marcado ou predominado em uma determinada época, pode-se dizer que as práticas trazem resquícios de várias tendências. Ou seja, “tendências que se explicitam numa época estão latentes em épocas anteriores e, também, tendências que aparentemente desaparecem foram, em verdade, incorporadas por outra”. (Ghiraldelli Jr, 1998, p.16)

1.1.1 – Educação Física Higienista/Eugenista

A tendência pedagógica higienista é uma das tendências tradicionais da EF brasileira e tem como princípio garantir a aquisição e manutenção da saúde

individual visando uma sociedade livre de doenças e gozando de boa saúde, proporcionando, assim, uma maior produtividade econômica.

No final do século XIX, o progresso social, marcado pelo fim do colonialismo e do regime escravocrata e início do sistema capitalista, buscava a construção de um novo homem visando a assecuridade da ordem social e do progresso. A formação deste homem novo parte do princípio de que este tem que ser forte e saudável, características extremamente relevantes à idéia de progresso e desenvolvimento econômico.

Visando tal formação, a EF era considerada importante na busca da aquisição e manutenção da saúde individual por meio da disciplinarização de hábitos. Esta perspectiva da EF foi denominada de higienista. (GHIRALDELLI Jr, 1989)

Nesta época, a EF era considerada protagonista de um corpo saudável com enfoque disciplinador que tem como princípio recuperar e formar cidadãos com saúde física e mental objetivando a eugenia³ da raça tendo como base o modelo da etnia branca.

A perspectiva higienista da EF tem como ênfase o combate aos “maus-hábitos”, ou seja, hábitos que degradassem a saúde e a moral de um indivíduo e que poderia comprometer a saúde coletiva. Por isso, nesta concepção, a EF era um meio de “resolver” o problema da saúde pública por meio da educação. O que também implica em resolver os problemas sociais. No caso, a EF ficaria incumbida dos problemas da saúde física. Até hoje a EF, por ser considerada uma área da saúde, está impregnada de ideais higienistas. Na concepção da saúde pública, a EF deve zelar sobre uma saúde preventiva visando uma melhoria nas condições da saúde da população o que beneficia não apenas esta, mas também o setor econômico, pois haveria uma redução de gastos do Estado por meio da medicina preventiva.

O cuidado com o corpo, neste momento ainda não voltado para um padrão estético corporal, mas sim para saúde, é a marca desta concepção. Este é um aspecto de grande significância também nos dias de hoje, visto que as políticas públicas em saúde têm encontrado na EF uma boa aliada. Os programas de valorização das atividades físicas, sobretudo para a terceira idade, são a prova

³ Eugenia, segundo o dicionário Aurélio (2001, p.301), é o estudo das condições mais propícias à reprodução e melhora da raça humana.

disso. Os meios de comunicação veiculam programas e propagandas que apontam a importância da consciência do cidadão em relação ao seu corpo, não só na prevenção de doenças como a gripe e as sexualmente transmissíveis, por exemplo, como também alertando para a necessidade de se praticar atividades físicas na busca de um bem estar físico e mental. Como se percebe, a perspectiva higienista permeia o contexto social e, de certa forma, também o educativo⁴.

1.1.2-Educação Física Militarista

A tendência Militarista da EF também está centrada numa concepção tradicional de educação. Tal tendência tem como fundamento a formação de indivíduos fortes e saudáveis, capazes de defender a pátria suportando combates, lutas e até mesmo a guerra. Este padrão valorizava dotes físicos e também morais

Segundo Ghiraldelli (1998), a EF Militarista está centrada na formação de uma sociedade cujos padrões de comportamento estão estereotipados. Assim, pode-se afirmar que as práticas da EF estão permeadas de atitudes excludentes, onde apenas os “fortes”, “resistentes” e “altos” são reconhecidos.

Considerando que a EF Militarista enaltecia os “fortes” e desprezava os “fracos”, e o fato de pensar em um comportamento padrão, pode-se perceber que, ainda hoje, se tem uma EF nesses moldes, onde os mais habilidosos têm as suas participações cobradas e garantidas nas aulas práticas e os menos habilidosos, ou os que não apresentam destreza em dado esporte, são excluídos e/ou não são estimulados a participarem das atividades propostas.

Além disso, os estereótipos físicos são características extremamente relevantes até hoje nos momentos das atividades práticas, onde pessoas “gordinhas” e “baixinhas” são muitas vezes excluídas e subestimadas. Isso também é válido para os tímidos, os menos fortes e os menos habilidosos. Será que as características físicas são suficientes para se estabelecer o grau de habilidade, ou não, que eu indivíduo deva ter para participar de atividades físicas?

A concepção Militarista deixou marcas difíceis de serem apagadas. Esta

⁴ Refiro-me, neste caso, ao sentido educativo não apenas ao que está diretamente ligado ao contexto escolar, mas aquele considerado como forma de ‘educar’ a população em relação aos cuidados com o corpo.

concepção que segrega sujeitos ainda se faz presente nas escolas, nas universidades, em direção contrária aos movimentos educacionais de inclusão, de reconhecimento das diferenças. Como ainda hoje, sob a égide de uma tendência pedagógica que valoriza a diversidade, podemos ter uma área de conhecimento que classifica e rotula aspectos físicos relacionados à destreza, beleza e estética?

A EF Militarista, na década de 30, surge com a criação do Centro Militar de Educação Física e a primeira escola de formação de instrutores de EF (Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo), onde militares passam a ser contratados para serem instrutores/professores de Ginástica na escola.

Com os militares ocupando a função de educadores físicos no espaço escolar, deu-se continuidade aos ideais higienistas acrescidos de uma ideologia adestradora, que tinha como princípio a formação de futuros militares por meios do adestramento físico em que o aluno era conduzido ao cumprimento de seus deveres para a defesa da nação.

1.1.3-Educação Física Pedagógica

A EF Pedagógica, que também é uma tendência tradicional da EF brasileira, aparece como uma concepção que vai entender a EF como uma prática educativa, diferente das tendências anteriores (Higienista e Militarista) que encaram a EF como prática voltada para a promoção da saúde e para a disciplina dos jovens.

Preocupada com a juventude escolar, a EF Pedagógica utiliza-se da ginástica, da dança e do desporto como meio de educação, acreditando que estes são recursos capazes de conduzir “a juventude à elaboração de regras de convívio democrático e de preparar novas gerações para o altruísmo, o culto às riquezas nacionais etc.” (Gheraldelli Jr, 1998, p.19).

Com a EF Pedagógica, pode-se dizer que surgem concepções que consideram o esporte como um meio de educar e que, por meio da EF, o homem brasileiro deve respeitar as diferenças culturais, físico-morfológicas e psicológicas. Talvez por esta razão que tal tendência tenha sido considerada pedagógica, pois faz do esporte um princípio educativo.

Gheraldelli Jr (1998) afirma que:

Em termos históricos, é preciso ter claro que a adoção da EF Pedagógica, ligada ao trabalho escolar é muito influenciada pelas teorias escolanovistas de Dewey, não significava o abandono, na prática, de uma EF comprometida com a organização didática ainda sobre parâmetros militaristas. (p.29)

A tendência Pedagógica traz consigo uma nova concepção de EF que, paulatinamente, altera a prática desta disciplina escolar e a postura do professor. Esta nova forma de pensar a EF faz com que o professor desta área adquira incumbências mais amplas neste campo de atuação, para além das outras áreas educativas. A partir disso, o professor de EF deverá cumprir seu papel de educador, formador de cidadãos e, para isso, não deve estar limitado às aulas de EF no horário escolar. Tal fato explica seu envolvimento em projetos de educação formal, mas sempre pautados nas outras áreas de atuação deste profissional como clubes, academias, escolinhas desportivas.

1.1.4- Educação Física Competitivista

Considerada uma das mais fortes tendências pedagógicas atuais da EF brasileira, a EF Competitivista visa à competição e a superação individual (hierarquização e elitização social). Esta tendência está centrada no desporto de alto nível, massificação da prática esportiva com o intuito de que surjam atletas que alcancem medalhas olímpicas para a edificação do país. Sob a égide do regime militar, a ideologia dominante visava dar visibilidade mundial à nação brasileira através do esporte.

Na perspectiva do culto ao “atleta-herói” que esta tendência enaltece, a EF adquire caráter tecnicista. Isso se dá em função da valorização do desporto, onde por meio da técnica um indivíduo bem treinado poderá alcançar a vitória.

A idéia liberal presente na EF Pedagógica, que encara a educação e, por extensão, a EF, como algo neutro, necessariamente acima dos conflitos sociais, cresce e ganha corpo na EF Competitivista. O “desporto de alto nível” é o paradigma de toda a EF. E tal prática está vinculada ao alto grau de avanço científico nas áreas da Fisiologia do Esforço, da Biomecânica, do treinamento desportivo etc. A tecnização crescentes dos periódicos de EF nos anos 60-70 reflete esse momento e desnuda o núcleo central da EF

Competitivista, com sua aparente aura de neutralidade científica casa-se perfeitamente bem com os interesses da EF Competitivista. (Ghiraldelli Jr, 1998, p.30)

A ênfase técnica na educação tanto quanto na EF, se dá mediante as ideologias provindas da tecnoburocracia militar. Esta ênfase foi “capaz de aumentar o rendimento educacional do país e, na área da EF, promover o desporto representativo capaz de trazer medalhas olímpicas para o país”. (Ghiraldelli Jr, 1998, p.30)

O regime militar, que priorizava a técnica, também incentivava a classe dos professores de EF no que diz respeito ao estudo, a pesquisa, a elaboração de trabalhos e planos que seriam difundidos entre leigos e licenciados.

Segundo Ghiraldelli Jr (1998), o desporto era uma forma de entretenimento da população usada pelo governo com o intuito de mantê-la desinformada e controlada ideologicamente.

Segundo Souza (1974), o desporto, como forma de uma aplicação adequada de uma atividade física na escola, é uma das maneiras de se ajudar os jovens. Acredita-se que tal concepção da EF Competitivista também pode estar associada à tendência Pedagogicista em relação à concepção de que o esporte é um meio de educar. O que de diferente há nas campanhas atuais que julgam o esporte como ‘o salvador’ social? O quanto destas tendências ainda estão impregnadas no ideário político-pedagógico nacional?

No que diz respeito ao culto ao atleta herói, pode-se dizer que as práticas da EF no contexto escolar ainda valorizam os mais habilidosos, enaltecendo estes em detrimento de outros alunos que não atendem aos paradigmas exigidos naquela prática.

A tendência Competitivista está atrelada ao paradigma da desportivização que não abandonou a dimensão da aptidão-física.

Resende (1994) afirma que, na dimensão competitivista da EF:

À EF escolar é conferida a responsabilidade de servir de base para a formação de novos talentos desportivos. A desportivização da EF escolar se mostrava adequada às teses defendidas na esfera político-econômico (desenvolvimento, segurança, racionalização, produtividade, etc.), bem como na esfera particular da educação. O referido paradigma era princípio ao convívio de experiências pedagógicas que reforçassem a questão de esforço próprio da competitividade, do rendimento e da disciplina para a concepção daquelas teses. (p.18)

Para Nhary (2005) certas tendências foram se incorporando ao trabalho pedagógico do professor como, por exemplo, o período militarista e suas marcas tecnicistas. Ainda para esta autora,

A educação física escolar alinou-se facilmente a esses desígnios. Não foi por acaso que a Reforma Universitária de 1968, com a Lei 5.540, veio acompanhada de um parecer que confere ao profissional de educação física o título de técnico desportivo. Fato curioso, no entanto previsível, foi o enquadramento da educação física com a educação moral e cívica num mesmo artigo da Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71. Os corpos dos futuros cidadãos tornavam-se assim “*dóceis*” à ideologia dominante, como nos sugere Foucault (1987). A educação física passava pela moralidade, respeito e disciplina atribuídos aos jogos desportivos na escola. Em contrapartida neste período se eleva o nível e o conceito dos professores de educação física, incentivando-se estudos, pesquisas e elaboração de trabalhos na área, embora as faculdades de Educação Física ainda mantivessem um currículo muito mais voltado para a “desportivização”, caracterizando o modelo tecnicista do período da Ditadura Militar. (NHARY, 2005, p.137)

1.1.5- Educação Física Popular

A EF popular vem romper com as perspectivas tradicionais destas que são a Higienista, Militarista, Pedagógica e Competitivista. Isso se dá pelo fato desta nova concepção não centrar-se na disciplinarização do homem, na necessidade da conscientização de hábitos saudáveis baseado na saúde preventiva, nem no incentivo a conquista de medalhas.

Segundo Ghiraldelli Jr. (1998), a EF Popular provém de movimentos ligados às práticas sociais dos trabalhadores. O fato de ter emergido de movimentos sociais pode ter implicado na formação de uma EF que visa à autonomia durante o processo educativo.

De acordo com Ghiraldelli Jr (1998), a EF Popular tem por base a ludicidade, a solidariedade, a organização e mobilização dos educandos em busca da construção de uma sociedade permanentemente democrática.

A tendência pedagógica Progressista crítica é a tendência popular que encontra-se subdividida em: desenvolvimentista, construtivista, crítico-emancipatória e cidadã.

A desenvolvimentista consiste na valorização das habilidades motoras, onde se desenvolve no aluno determinadas habilidades por meio do movimento e sempre considerando a faixa etária do mesmo. Tal tendência não leva em consideração apenas as habilidades motoras presentes no aluno. Entretanto, a criança não pode ser vista como uma “*tabula rasa*”⁵, ao longo de sua vida ela acumula qualquer tipo de conhecimento que pode e deve ser levado em consideração como meio de construção de conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem. Esta é uma proposta educativa defendida por educadores como Freire (1996), por exemplo.

A tendência construtivista consiste na construção do conhecimento por meio da interação sujeito-meio. Nesta perspectiva, a EF deverá resgatar os jogos e brincadeiras presentes, vivenciadas pela criança como forma de valorização cultural que propicia a construção do conhecimento por meio de prazer.

A abordagem crítico-emancipatório está relacionada à aquisição do conhecimento ao longo do tempo, vinculada ao processo histórico. A abordagem trabalharia com a questão do conhecer a realidade, refletir e atuar sobre a mesma. Porém, acredita-se que a EF pouco tem trabalhado com tal abordagem, considerando-se que poucos sabem como utilizar o senso-comum de um indivíduo como forma de conduzi-lo ao conhecimento científico.

A abordagem cidadã trabalha com a perspectiva que a escola é um espaço de construção do conhecimento por meio de práticas cidadãs como inclusão de todos os alunos, cooperação, valorização da diversidade cultural, hábitos saudáveis, etc. Tal perspectiva, que engloba as três perspectivas anteriores, ainda é pouco utilizada nas aulas de EF, talvez por causa dos resquícios das tendências tradicionais da EF brasileira ou, simplesmente, por “dar trabalhos” e/ou os profissionais não estarem acostumados a conduzir o aluno a pensar, refletir e atuar sobre a realidade vivida respeitando as individualidades.

Pelo exposto, percebe-se que a EF, como área de conhecimento, sofreu no contexto escolar uma forte influência do poder hegemônico. Um aparato de leis, propostas e projetos educativos foram conduzindo a EF para um caminho mais

⁵ O filósofo inglês John Locke (1632-1704), considerado o protagonista do empirismo, foi quem esboçou a teoria da *Tabula rasa* (literalmente ardósia em branco em português). Para Locke, todas as pessoas ao nascer o fazem sem saber de absolutamente nada, sem impressões nenhuma, sem conhecimento algum. Então todo o processo do conhecer, do saber e do agir é aprendido pela experiência, pela tentativa e erro (consulta feita no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Tabula_Rasa).

político que educativo. As diferentes tendências ainda trazem ressonâncias nas *práxis* docentes de educação física. Nhary (2005) tece o seguinte comentário:

A legislação autoritária da Educação Física entra no interior das escolas e na maioria delas parece vigorar até hoje. No imaginário de grande parte dos atores escolares a educação física continua sendo física (ou melhor, só física), cabendo aos demais docentes a formação intelectual e cultural do aluno. Estarão os professores acomodados em suas práticas? Estão sem uma identidade profissional? O que na verdade predomina como proposta pedagógica para a educação física escolar?

Com tantas reformas educacionais, principalmente com a LDB 9394/96, novas concepções do trabalho escolar da educação física vem surgindo. Cabe-nos ainda perguntar: Por que a grande maioria das escolas, ainda hoje, não compreende o trabalho do profissional desta área? Estaria ele preso aos moldes tecnicistas, confinado a uma disciplina do currículo, ou seu trabalho é de descomprometimento com a cultura da escola? Por que a cultura da escola e a educação física não se imbricam? (NHARY, 2005, p.138)

Partilho com a autora tais indagações, pois, mesmo se reconhecendo que a Tendência Popular e suas vertentes têm um caráter mais progressista, mais crítico-emancipatório e, por conseguinte, apontando uma preocupação da educação física escolar mais 'afinada' às tendências teóricas de vanguarda na Educação, reconheço, como observadora e pesquisadora da área, que o profissional de EF ainda não se sensibilizou para tais mudanças. O fazer pedagógico de muitos profissionais ainda passa pelo viés de tendências de sustentação político-ideológicas que não representam o ideal de educação vislumbrado por quem reflete sobre educação, pesquisa com e sobre educação, acredita na educação como transformação social, por quem pensa e faz 'educação' de forma crítica, autônoma e reflexiva. Nhary (2005), de forma esperançosa, acredita que o campo da educação física escolar despontará para novas compreensões:

Reflexões quanto ao caráter recreativo ou desportivo das atividades desenvolvidas nas aulas de educação física, vem apontando novas concepções e novos modos de pensar o fazer pedagógico desta área de conhecimento. Inúmeras publicações, discussões e propostas chegam à área da educação física. Influências da antropologia, da filosofia, da sociologia, da pedagogia e da psicologia podem nos levar a busca de um novo paradigma para nossas práticas educativas. Precisamos (re)construir nossos fazeres e saberes em educação física. (NHARY, 2005, p.138)

Pensar em mudanças na educação física escolar implica na compreensão das concepções pedagógicas deste campo. Dessa forma, o próximo capítulo aborda

esta temática com a intenção de compreender melhor a inserção da EF no contexto educativo.

CAPÍTULO II - Educação Física escolar: uma prática pedagógica

Como foi escrito no capítulo anterior, os objetivos e as propostas educacionais de EF foram se modificando no último século em decorrência das tendências pedagógicas adotadas ao longo do tempo e pelo fato destas influenciarem as práticas pedagógicas dos professores desta área.

A EF foi introduzida na escola principalmente em função dos benefícios que a prática dos exercícios físicos pode trazer à saúde e pelo fato do esporte ter sido compreendido como um meio de educar para um dado propósito. Entretanto, a EF na escola deveria ser entendida para além da perspectiva do culto ao corpo e da disciplina.

A EF passou a integrar oficialmente o contexto escolar com a reforma Couto Ferraz em 1851, onde, por meio da reforma do ensino primário e do secundário, a ginástica passou a compor o currículo obrigatório do primário e a dança do secundário. (GHIRALDELLI Jr., 1998)

A reforma Rui Barbosa, em 1882, recomendou que a ginástica passasse a ser obrigatória para ambos os sexos e fosse oferecida para as Escolas Normais. Porém, a implantação desta reforma não se deu em toda extensão territorial, apenas ocorrendo no Rio de Janeiro, que era capital da República, e nas escolas militares. A partir da década de 20, os estados deram início às reformas educacionais que incluíam a EF como disciplina escolar usando o nome de Ginástica.

Inicialmente a preocupação da EF escolar foi pautada no alcance de hábitos de higiene e saúde por meio de exercício físico, enaltecendo o desenvolvimento físico e moral.

No início do século XX, surgem os métodos ginásticos que visavam à sistematização da ginástica na escola. Tais métodos objetivavam a capacitação dos indivíduos com intuito de contribuir com a indústria nascente e a prosperidade da nação.

O modelo militarista de EF selecionava indivíduos “perfeitos” fisicamente, capazes de suportar o combate, a luta, a guerra.

O fato de a EF ser considerada, tanto pela concepção higienista quanto militarista, uma disciplina apenas prática, que não exige uma fundamentação teórica para lhe servir de base, faz com que exista uma semelhança entre EF e instrução física militar.

Com a criação do modelo educacional denominado Escola Nova⁶, a EF muda nitidamente seu discurso educativo passando este a ser “EF como meio de educar”. Tal discurso pauta-se na concepção de que o movimento é a única via pela qual é possível realizar a chamada educação integral. Associado a este novo discurso, na EF há um abandono da valorização do biológico em contraponto a valorização do aspecto sócio-cultural. Porém, a prática permanece inalterada.

Na concepção pedagógica da EF não acontece o abandono dos parâmetros didáticos das práticas militaristas, pelo menos nas práticas docentes. No entanto, as práticas educativas da EF atualmente vêm sendo alteradas gradativamente com a proposta escolanovista, muito embora de forma muito acanhada, pois é difícil encontrar um profissional da área, sobretudo da rede pública, que adote este pensamento no seu fazer docente.

Com o início da Ditadura Militar, o movimento da Escola Nova é reprimido. Há uma ascensão do esporte em favor do Estado e, assim, a EF e o esporte passam a estar intimamente ligados.

Em 1964, os governos militares investem massivamente no desporto de alto nível usando a EF como sustentáculo ideológico, tendo em vista que esta auxiliaria na promoção do país por meio da conquista de vitórias nos desportos de alto rendimento.

Segundo a obra Coletivo de Autores (1992), a influência do esporte no sistema educacional, durante a ditadura militar, é tão marcante que o professor de EF deixa de ser professor-instrutor e adquire a posição de professor-treinador em função do esporte ser o conteúdo e objetivo da EF escolar. É neste contexto desportivizante que a EF escolar passa a ser uma reprodução mecânica de

⁶ O movimento da Escola Nova surgiu em fins do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos. Este movimento opunha-se às práticas pedagógicas tidas como tradicionais, visando uma educação que pudesse integrar o indivíduo na sociedade e, ao mesmo tempo, ampliar o acesso de todos à escola. O escolanovismo brasileiro está ligado a certas concepções de John Dewey, que acredita ser a educação o único meio realmente efetivo para a construção de uma sociedade democrática, que respeite as características individuais de cada pessoa, inserindo-o em seu grupo social com respeito à sua unicidade, mas, como parte integrante e participativa de um todo. (<http://www.centrorefeducacional.com.br/aniescnova.htm>)

movimentos, que acaba por selecionar os mais habilidosos justificados pelo rendimento.

Esta reprodução mecânica dos movimentos esportivos, as cobranças por movimentos perfeitos, que sejam realizados de uma única forma, num mesmo ritmo e tempo, resultam no desprezo aos conhecimentos individuais dos alunos e enfatiza um discurso homogeneizador.

Com a ênfase dada a EF, que se centrava no esporte com o objetivo de formar alunos-atletas, o número de pesquisas e publicações cresce no campo da fisiologia do exercício, da biomecânica e do treinamento. Este fato marca um período de valorização dos conhecimentos produzidos pela ciência no campo da EF.

O aumento da pesquisa no âmbito da EF, de programas de mestrado na área, o retorno de profissionais titulados à pesquisa e o reconhecimento da EF como ciência da motricidade contribuem para que haja uma valorização desta área rompendo ou diminuindo o discurso voltado para o desempenho.

Segundo Castellani Filho (1993), os dois motivos distintos que acarretaram nas mudanças ocorridas na EF estão relacionados às mudanças no modelo educacional, que não sincronizava a formação do indivíduo ao tempo que vivia, e à questão da produtividade. Darido (2003) vai mais além: “naqueles anos, ao avançar de um processo de automação da mão-de-obra, até então apoiado na força de trabalho humana, faz por secundarizar a importância da construção do modelo de corpo produtivo”. (p.3)

Entretanto, para além de aspectos históricos, existem outros fatores que também contribuíram para desvalorização e marginalização da EF escolar, tais como: a não interação da EF nas questões pedagógicas da escola; no planejamento das atividades escolares; distanciamento da equipe pedagógica e professores de outras disciplinas; horários da EF adequados às outras disciplinas e não as reais necessidades desta (EX. aulas em horários de sol muito quente e a questão da higiene dos alunos após as aulas práticas). Tais situações podem evidenciar a “pouca importância” que é dada ao trabalho dos profissionais de EF. Mas será que esta “pouca importância” é consequência da forma como o professor de EF atua, ou será que a forma como o professor de EF atua é uma consequência desta “pouca importância”?

As formas com que se pensa a EF escolar têm se modificado e a forma tecnicista da EF tem tentado ser suprida de acordo com as novas abordagens

pedagógicas que surgem a partir do final da década de 70.

2.1–Pelo viés de algumas abordagens pedagógicas da Educação Física

No final da década de 70 e início da década de 80 surgem movimentos novos e renovadores relacionados à EF escolar, que se contrapunham à vertente mais tecnicista, esportivista e biologista.

Resultantes de um momento mais recente da EF coexistem hoje, neste campo, várias concepções que culminam num único objetivo: romper com o modelo tecnicista que está intimamente presente nos discursos e nas práticas pedagógicas da EF escolar em função de algumas tendências que estão fortemente manifestadas e concretizadas.

Para Darido (2003) algumas das abordagens pedagógicas presentes na EF escolar são: a Desenvolvimentista; a Construtivista-Interacionista; a Crítico-Superadora; a Sistêmica; a da Psicomotricidade; a Crítico-Emancipatória; a Cultural; a dos Jogos Cooperativos; a da Saúde Renovada; e a dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Neste estudo, serão apresentadas e analisadas apenas as abordagens: Desenvolvimentista; Construtivista-Interacionista; Crítico-Superadora; da Psicomotricidade; Cultural; Abordagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais e Crítico emancipatória.

2.1.1-Abordagem Desenvolvimentista

A abordagem desenvolvimentista tem seu princípio básico centrado no movimento como meio e fim da EF. Desta forma, passa-se a pensar na aprendizagem do movimento e na aprendizagem através do movimento, embora tais conceitos não se separem na prática, tendo em vista que quando ocorre a aprendizagem do movimento paralelamente ocorrem outras aprendizagens.

“*Habilidade motora*”, já escutou alguma coisa sobre este conceito? Pois bem, este conceito é o X da questão. Esta abordagem acredita que é através da habilidade motora que o homem é capaz de lidar com as dificuldades.

Por causa do conceito de “*habilidade motora*”, surge uma nova área do conhecimento, a área da Aprendizagem Motora. É a partir desta área que surge na EF a função de propiciar o desenvolvimento motor do aluno por meio de exercício que estimule a aprendizagem motora, de acordo com nível de crescimento e desenvolvimento como forma do sujeito adaptar-se às necessidades do cotidiano através da aprendizagem motora.

Esta perspectiva do movimento faz com que haja uma classificação em fases dos movimentos humanos que vai do nascimento à morte, assim como no domínio cognitivo.

Segundo Darido,

Os conteúdos devem obedecer a uma seqüência fundamentada no modelo de taxionomia do desenvolvimento motor, proposta por Gallahue (1982) e ampliada por Manoel (1994), na seguinte ordem: fase dos movimentos fetais, fase dos movimentos espontâneos e reflexos, fase de movimentos rudimentares, fase dos movimentos fundamentais, fase de combinação de movimentos fundamentais e movimentos culturalmente determinados. (DARIDO, 2003, p.5)

Estes conteúdos devem se desenvolvidos partindo das habilidades básicas, como por exemplo, andar, correr, saltar, para as mais complexas que estão relacionadas às práticas desportivas e até mesmo ao trabalho.

Nesta abordagem não se leva em consideração à aquisição de habilidades motoras no contexto cultural. Porém, o meio cultural influencia o desenvolvimento humano, tendo em vista que um indivíduo ao ter contato com diferentes formas de agir aprende.

Assim, a abordagem desenvolvimentista acredita que um indivíduo só aprende na escola de acordo com as situações as quais está exposto, de acordo com a faixa-etária do desenvolvimento e o “patrimônio cultural que deve ser adaptado ao nível do desenvolvimento do aluno” (MANOEL, 1994, p 94). Como se o aluno em contato com o outro e o meio não fosse capaz de se desenvolver.

2.1.2-Abordagem Construtivista-Interacionista

A abordagem construtivista–interacionista é apresentada como um método

baseado no construtivismo de Jean Piaget que consiste na interação do sujeito com o mundo, para além da relação ensino-aprendizagem.

Tal abordagem contribui para que a EF passe a ser um meio de atingir o desenvolvimento cognitivo. Assim, os conteúdos relacionados aos aspetos cognitivos poderiam ser aprendidos através do movimento. Nesta perspectiva, a EF poderia auxiliar as demais disciplinas no processo de aprendizagem de dados conteúdos.

Para que haja interação da EF com outras disciplinas escolares, na perspectiva acima descrita, é fundamental que antes o professor de EF tenha conhecimento dos objetivos da EF neste contexto.

Um pensador desta abordagem da EF é João Batista Freire, que em seu livro *Educação Física de Corpo Inteiro* (1989), relata a importância da EF na escola e a relevância de considerar a criança e seus conhecimentos, sejam estes saberes formais ou não-formais, valorizando as experiências dos alunos e suas culturas.

Na abordagem construtivista, o aluno é tido como sujeito da sua aprendizagem, onde interagindo com o meio é capaz de aprender e sanar suas dificuldades.

Na proposta construtivista de ensino, o jogo é um instrumento pedagógico de ensino. Tal idéia está pautada na concepção de que a criança aprende brincando.

2.1.3-Abordagem Crítico-Superadora

A proposta crítico-superadora é baseada no marxismo e neomarxismo, utilizando como base de seu discurso a questão da justiça social. Na EF, tal proposta recebeu grande influência dos educadores José Libânio e Demerval Saviani.

De acordo com Darido,

Esta pedagogia levanta questões de poder, interesse, esforço e contestação. Acredita que qualquer consideração sobre a pedagogia mais apropriada deve versar não somente sobre questões de como ensinar, mas também como adquirimos esses conhecimentos, valorizando a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico. (DARIDO, 2003, p 8)

Na perspectiva do Coletivo de Autores (1992), a pedagogia crítico-superadora busca uma direção para EF. Porém, tal direção está inteiramente relacionada às ideologias de quem reflete, direcionando a intervenção e compreendendo a ação do homem sobre a realidade.

Embora esta abordagem pedagógica reflita sobre a forma como se aprenda, rompendo com a forma mecânica de ensino, que se preocupa apenas com a forma de transmitir os conteúdos, esta abordagem não apresenta uma proposta didática para se ensinar a conduzir a formação crítica do aluno, fato este que pode ser um “empecilho” para que se ponha em prática tal concepção.

2.1.4-Abordagem da Psicomotricidade

A interação de EF com a psicomotricidade está voltada para formação integral do aluno no que diz respeito aos aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores.

Nesta abordagem, o professor passa a valorizar o conhecimento de origem psicológica e não mais apenas os biológicos e de rendimento corporal.

A psicomotricidade não é apenas campo de atuação da EF, mas também de áreas como de psicólogos, orientadores educacionais, dentre outros.

Segundo Le Bouch (1986), a psicomotricidade, como corrente educativa, surge como meio de suprir a deficiência da EF que não conseguiu promover uma educação real do corpo a partir dos movimentos espontâneos das crianças e não apenas de gestos mecânicos como ocorre no desporto, por exemplo.

2.1.5-Abordagem Cultural

A abordagem cultural nasce em contraponto à perspectiva biológica que enfatiza o corpo como se fosse um simples conjunto de ossos, músculos e articulações que comina na concepção de ‘todo mundo é igual no ponto de vista anatômico’ em que, a partir desta concepção, as aulas de EF na escola devem ser

as mesmas para todos.

A abordagem cultural pauta-se no ideário antropológico, em que se associa o homem e suas ações a uma cultura. Desta forma o homem não é apenas um ser anatômico, mas também um ser cultural que reproduz determinadas atitudes em função do meio ao qual é exposto.

Pensar as práticas da EF por meio da concepção antropológica é pensar numa prática que contemple a diversidade, as diferenças, entendendo estas como não uma melhor que a outra e, sim, como meras diferenças fruto da pluralidade de contextos sociais.

2.1.6-Abordagens dos Parâmetros Curriculares Nacionais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram elaborados para contribuir, através de propostas e experiências já vividas, para elaboração de currículos para estados e municípios, estimulando as possíveis discussões nas escolas, a elaboração de projetos educativos e norteando as práticas dos professores das diversas áreas.

Os PCNs são específicos em relação a modalidade e a área do conhecimento, sendo compostos por introdução, temas transversais e os assuntos específicos que devem ser oferecidos em cada um dos componentes curriculares.

De acordo com os PCNs, a EF escolar deve proporcionar a formação da cidadania no aluno fazendo com que este seja capaz de

- participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais;
- reconhecer-se como elementos integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de recuperação, manutenção e melhoria da saúde coletiva;
- solucionar problemas de ordem corporal em diferentes contextos, regulando e dosando o esforço em um nível compatível com as possibilidades, considerando que o aperfeiçoamento e o desenvolvimento das competências corporais decorrem de perseverança e regularidade e devem ocorrer de modo saudável e equilibrado;
- reconhecer situações de trabalho que comprometam os processos de crescimento e desenvolvimento, não as aceitando para si nem para os outros, reivindicando condições de vida dignas;

- conhecer, organizar e inferir no espaço de forma autônoma, bem como de reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade básica do ser humano e um direito do cidadão. (PCNs, 2000, p 43-44)

Os PCNs, em relação à EF, vem subsidiar a formação crítica dos alunos.

2.1.7-Abordagem Crítico-Emancipatória

A partir da década de 80, objetivando romper com a hegemonia do esporte voltado para aptidão física presentes na Educação Física, foi elaborada pressupostos teóricos num referencial crítico pautado nas concepções marxistas.

Segundo Darido (2003), os referenciais deram base para a criação de abordagens críticas ou progressistas que propunham uma ruptura com o modelo hegemônico de uma Educação Física centrada no desporto. Por meio desta nova abordagem, a E. F. tentaria superar as contradições, estando presa num paradigma de transformação social, política e econômica.

Dentro da abordagem crítica surgiram desdobramentos como as perspectivas crítico–superadora e a crítico–emancipatória. Tais perspectivas nem sempre se assemelhavam em seus ideais. A primeira apontava para uma tentativa de romper com a forma mecânica de ensinar, mas não dava suporte didático para efetivação de tal perspectiva. A segunda tendia para uma visão de uma educação mais crítica, pautada no desenvolvimento de um posicionamento mais ativo que possibilitasse uma atuação sobre a realidade vivida e que dava base para uma proposta mais metodológica.

Para Kunz (1994), ensinar por meio da concepção crítico–emancipatória é desvincular o aluno de idéias ilusórias concebidas, muitas vezes, em decorrência de suas visões de mundo. Desta forma, ensinar, nesta concepção, é basear-se numa formação crítica de forma que o aluno compreenda, reflita e atue sobre os processos sociais nos quais ele se insere e que influenciam positivamente e negativamente em suas vidas.

Na concepção crítico–emancipatório, o aluno deve conhecer, analisar e compreender a forma como se estrutura a sociedade, a forma como o poder se institucionaliza e se reflete nas microestruturas sociais, formando falsas convicções,

falsos interesses e falsos desejos.

Visando esta educação crítica, segundo Kunz (1994), o professor tem por papel primeiramente confrontar o aluno com a realidade do ensino, motivar a participação em diferentes atividades propostas, pelo próprio interesse, estimular a exposição do que foi aprendido e, por fim, o aluno deverá ser capaz de questionar sobre suas aprendizagens como forma de compreender o significado e o sentido desta no contexto cultural vivido.

2.2-Refletindo sobre as abordagens

Na tentativa de romper com o modelo tecnicista, esportivista e biologicista, atualmente coexistem, no campo da E. F., abordagens que são resultados de uma nova etapa da E. F. e de articulações das teorias psicológicas, sociológicas e de concepções filosóficas.

Embora as abordagens apresentem fatores divergentes, estas buscam uma E.F. que contemple o ser humano em seus aspectos bio-psico-social-motor e cultural visando uma formação completa.

Entretanto, cabe aos professores se questionarem até que ponto tem-se efetivado esta educação que contemple uma formação completa do sujeito. Será que a E.F., por meio destas abordagens, realmente tem ultrapassado a dicotomia corpo-mente? Ou será que a EF cuida do corpo e... mente? (MEDINA, 1990)

Em todos os momentos em que vivenciei a E.F. escolar enquanto estudante, sempre a tive como uma mera aula onde podia jogar e agir de forma mais espontânea. Eu não era estimulada a pensar, apenas a reproduzir movimentos.

Atualmente, cursando a faculdade de EF, estagiei numa escola onde pude perceber que alguns dos professores de EF não trabalham apenas com o corpo, mas também com a mente, refletindo sobre temas de seus cotidianos como, por exemplo, as drogas. Mas, nesta ocasião, pude perceber que a grande maioria dos professores desta área ainda se detém nas aulas práticas enfocadas no desporto e não se motiva a participação efetiva de todos os alunos.

Tais fatos provocam os seguintes questionamentos: Será que as novas abordagens da E.F. que surgiram para romper com o modelo hegemônico do

desporto, trazendo uma visão renovada do que seria a E.F. escolar, realmente contribuiu para que se mudasse a forma com que esta área do conhecimento estava ou está se dando? Será que os professores de E.F. têm consciência ou ciência do que sejam as abordagens e sua importância na reflexão de uma proposta e efetivação de uma E.F. contextualizada que contemple uma Educação completa, capaz de articular seus conhecimentos com as propostas pedagógicas da escola, visando uma E.F. mais concisa?

Acredito que muitos professores não reflitam sobre estas abordagens e suas relevâncias práticas. Tendo em vista que, pelo menos durante a minha formação acadêmica, tais abordagens foram apenas citadas e não refletidas em sua plenitude. A partir deste fato, cabe questionar a formação destes profissionais que futuramente atuarão na escola e, conseqüentemente, continuarão (mas, espera-se que não) a reproduzir uma E.F. pautada no desporto e que dicotomiza corpo e mente como se a E.F. se resumisse à mera aula prática, que nem sempre estimula a participação de todos. Então, quando diz que cuida do corpo, ela mente? (MEDINA, 1990)

CAPÍTULO III-EM BUSCA DE UM ESPAÇO MENOS SEGREGADO

Com base nas tendências e abordagens pedagógicas apresentadas nos capítulos anteriores, este capítulo reflete as questões: Currículo e EF; e uma possível interação escola–EF–outras áreas de conhecimento. Tais questões têm por objetivo aprofundar a reflexão sobre a(s) forma(s) com que a EF tem se dado ou vem sendo pensada dentro da escola.

Acreditando que a escola e os profissionais que nela atuam enaltecem dadas matérias em detrimento de outras. Busquei, nesta pesquisa, compreender melhor o que entendem por educação física escolar, pois, pude escutar o discurso dos profissionais da educação inseridos num colégio estadual onde estagiei e apliquei as entrevistas para o desenvolvimento deste trabalho que apontam uma tendência de valorização de suas disciplinas, esquecendo-se das demais, sobretudo da EF.

Muitos professores acreditam que os alunos relacionam os conteúdos de diferentes disciplinas, de forma a unificá-los sem que haja a dicotomia dos mesmos em relação as diferentes disciplinas. Entretanto, se para os professores é difícil tratar os conteúdos programáticos de forma interdisciplinar⁷, como os alunos poderão dar conta disso? Como relacionar, na escola, diferentes áreas de conhecimento? Como trabalhar com propostas integradoras de forma efetiva? É possível a E.F, fazer parte destas propostas? Meus questionamentos não se esgotam aqui. Permito-me, assim, continuar indagando: De que forma os professores de EF têm atuado na escola? Será que os professores de EF têm seus conteúdos segregados em seu campo de saber? Será que as demais disciplinas articulam conteúdos entre si? A EF é lembrada nestas propostas de articulação de saberes?

⁷ Interdisciplinaridade: Duas ou mais disciplinas relacionando seus conteúdos para aprofundar o conhecimento. (DCDE, 1972).

Embora a lei 5692/71, em sua vigência, assegurasse a legitimidade da EF escolar, a valorização social não foi conquistada em decorrência da não obrigatoriedade da prática desta neste contexto. Que valorização é essa que a lei tentou admitir?

A nova lei de Diretrizes e Base 9394/96 traz consigo uma tentativa de reformulação das propostas curriculares no que diz respeito a EF.

No primeiro texto da nova LDB 9394/96, artigo 26, parágrafo 3 “a EF integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (decreto da lei 10.328/2001). Entretanto, tal texto possibilita a interpretação de que a EF ainda é um componente curricular obrigatório, mas que, no entanto, pode ser adotada na grade escolar ou não. Além disso, este texto banaliza a prática da EF e “exclui” os alunos do horário noturno ao tornar a EF uma disciplina facultativa neste horário escolar. Vê-se que a E.F não é para todos, o que , de alguma maneira, aponta indícios de sua pouca credibilidade como proposta educativa.

Na redação dada pela lei número 10.328/2001 à lei 9394/96 da Educação, substituindo o parágrafo 3º, a EF continua integrada à proposta pedagógica das escolas, mas passa a ser um componente curricular obrigatório da Escola Básica. A palavra “obrigatória” vincula definitivamente a EF às práticas educativas escolares.

O atual texto do parágrafo 3º do artigo 26 da LDB 9394/96, que foi concedido pela redação da Lei 10.793/2003, diz que:

§3º A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo facultativa ao aluno: (Redação dada pela Lei nº 10.793 de 1º. 12.2003).

I-que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; (incluído pela Lei nº 10.793 de 1º. 12.2003).

II-maior de trinta anos de idade; (incluído pela Lei nº 10.793 de 1º. 12.2003)

III-que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver à prática da educação física; (incluído pela Lei nº 10.793 de 1º. 12.2003)

IV- ampliado pelo decreto- Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969; (incluído pela Lei nº 10.793 de 1º. 12.2003).

V-Vetado;

VI-que tenha prole. (incluído pela Lei nº 10.793 de 1º. 12.2003).

Embora este novo parágrafo torne a EF um componente curricular obrigatório na Educação Básica, este mesmo parágrafo a torna facultativa em alguns casos. Em

função disso, a lei 9394/96 põe em dúvida a valorização desta disciplina na escola. Será que ao tornar esta disciplina facultativa ao aluno que trabalha, que tenha mais de trinta anos de idade, que já pratique exercícios físicos no trabalho, não dá um caráter depreciativo da EF e de seu papel enquanto área educativa. Se a E.F. tem como princípio o desenvolvimento bio-psico-social e motor do aluno, os que dela não são obrigados a participar não precisam de tal desenvolvimento? Uma lei que tenta fazer da EF uma proposta inclusiva da escola não a torna excludente quando a faculta para alguns? Como mensurar quem está apto ou não para fazer atividade física? Não seria esta uma atribuição da área médica? Vou mais além às minhas indagações: A E.F. é só física? Não existem outras formas de participação dos alunos? Não existem propostas de interdisciplinaridade que superem o aspecto apenas físico desta disciplina? EF escolar é uma proposta de inclusão excludente?

Talvez a possível não valorização desta área do conhecimento e de seus profissionais, tenha se dado em decorrência da forma com que a E.F. tem acontecido na escola. Uma prática que enfatiza a competição, a prática desportiva, o “rola bola” e que esquecem que a EF na escola vai muito além de uma quadra e uma bola. Os professores parecem isolados em suas práticas. Mas será que há integração da EF às propostas pedagógicas das escolas como é proposto na LDB 9394/96, artigo 26 do parágrafo 3º (lei nº 10.793/2003)? Será que a EF tem sido valorizada no meio escolar? Será que os profissionais desta área reconhecem sua importância enquanto educadores, mediadores do conhecimento, do desenvolvimento de pensamentos críticos?

A Lei de diretrizes e Bases da Educação (9394/96) infelizmente ainda dá margem para uma EF voltada para a prática desportiva. Tal aspecto pode ser interpretado no artigo a seguir:

Art.27- Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes;
IV-promoção do desporto educacional e apoio às práticas não formais. (LDB 9.394/96)

O fato da LDB 9.394/96 apresentar estas idéias como forma de tentar conformar as práticas escolares às mesmas, não deve ser o único agravante pelo fato da EF escolar enfatizar o desporto, a prática mecânica como este é aplicado

nestas aulas é que é a grande questão.

A forma com que a EF tem acontecido na escola pode ser um produto historicamente constituído, mas também fruto das práticas dos professores pertencentes a esta área e, talvez, uma consequência da forma com que a EF é vista e entendida por profissionais de outras áreas do conhecimento que atuam no mesmo contexto. Isso se dá tendo em vista as formas como se estabelecem através as relações travadas neste contexto. Durante esta pesquisa percebi que os professores de EF, desmotivados, ministram suas aulas como um mero momento de lazer, o que implica na formação de uma concepção desta aula ser um momento em que o aluno espairose a mente das obrigações escolares ou não.

As condições pelas quais a EF tem se dado na escola, no que diz respeito ao material, ao espaço e ao horário destinados a esta disciplina, são fatores que nos levam a pensar a (des)valorização desta no âmbito escolar. Porém, tais aspectos não deveriam ser limitadores de uma prática que contempla a formação integral do indivíduo em todos seus aspectos motores, sociais, biológicos, psicológicos e culturais.

Visando um debate sobre a forma como a EF e sua prática pedagógica tem acontecido e como tem sido compreendida no espaço escolar é que este capítulo aborda os seguintes tópicos: Currículo e EF escolar; EF escolar e as demais áreas do conhecimento, numa relação de troca. Além disso, o capítulo traz pequenas abordagens sobre seus aspectos interdisciplinares com intuito de instigar uma reflexão acerca da importância da (não) atribuição de valores às disciplinas e do (im)possível debate entre as diferentes áreas do conhecimento.

3.1-Currículo e Educação Física escolar

De acordo com a LDB 9.394/96, a Educação Física é um componente curricular da Educação Básica, obrigatoriamente integrada à proposta pedagógica da escola. Porém, nem sempre foi desta forma, afinal nem sempre a E. F. foi entendida como uma disciplina que contribui para a formação integral do sujeito no processo ensino-aprendizagem.

A sociedade é composta por diversos movimentos sociais em que, segundo o

Coletivo de Autores (1994), há interesses antagônicos que geram conflitos em função dos objetivos diversificados que estão arraigados nestes interesses. Porém, existe nesses movimentos um discurso ideológico que se sobrepõe mascarando a realidade social e os conflitos sociais afirmando os interesses das classes dominantes.

As crises, que são resultantes dos movimentos de interesses ideológicos, culminam no surgimento de novas pedagogias que constroem discursos diversificados sobre a ação do homem na sociedade e sobre a prática social de um determinado período histórico. Estas crises são constantes, o que pode explicar as diferentes formas com que se tem dado a Educação, fazendo da pedagogia uma “[...] reflexão e teoria da educação capaz de dar conta da complexidade, globalidade, conflitividade e especificidade de determinada prática social que é a educação” (SOUZA, 1987:27 apud Coletivo de Autores, 1992, p. 25).

O Projeto Político Pedagógico (PPP), por exemplo, é uma forma de nortear a prática pedagógica da escola como meio de alcançar uma intencionalidade desejada através de uma ação educativa integrada a realidade do discente e da escola objetivando uma mudança social.

Para Gadotti (1994), todo projeto supõe uma desvinculação com o presente e promessas para o futuro. O ato de projetar está atrelado a uma tentativa de romper com um estado confortável, arriscando, saindo da estabilidade, em busca de algo novo e melhor que lhe traga uma nova estabilidade. Neste sentido, um educador a frente de um ato educativo, deve definir seu PPP com o intuito de gerar novos comprometimentos, novas formações e transformações sociais.

Cabe a cada educador questionar seus deveres e direitos durante uma ação educativa, pensar a que se destina esta ação em relação à formação do homem social e se suas práticas realmente atendem seus objetivos enquanto educador.

Como o PPP se realiza na escola, como se materializa no currículo?

Originária do latim curriculum, currículo significa corrida, caminhada, percurso. Por analogia tem-se uma primeira aproximação conceitual, o currículo escolar representaria o percurso do homem no seu processo de apreensão do conhecimento científico selecionado pela escola: seu projeto de escolarização. (Coletivo de Autores, 1992, p. 27).

Neste sentido, o currículo tem como função social dispor a reflexão

pedagógica acerca do aluno, objetivando a ponderação sobre a realidade social. Como forma de desenvolver esta função, há uma apropriação do conhecimento científico confrontado com o saber de mundo do aluno. Tal fato faz com que o objeto do currículo se resume a uma reflexão sobre o aluno. Ou seja, “a escola não desenvolve o conhecimento científico. Ela se apropria dele, dando-lhe um tratamento metodológico de modo a facilitar a sua apreensão pelo aluno” (Coletivo de Autores, 1992, p. 27). Assim, pode-se afirmar que a escola ao desenvolver mecanismos para facilitar a aprendizagem aumenta a capacidade intelectual do aluno que é capaz de refletir sobre esses conhecimentos.

O eixo curricular, que são fundamentos, demarca até que ponto será realizada a reflexão pedagógica, o que quer que o aluno conheça. É a partir deste eixo que se planeja a lista de disciplinas, matérias ou atividades curriculares que compõem o quadro curricular da escola.

De acordo com o Coletivo de Autores (1992),

Cada matéria de disciplina deve ser considerada na escola como um componente curricular que só tem sentido pedagógico à medida que seu objeto se articula aos diferentes objetos dos outros componentes do currículo (Línguas, Geografia, Matemática, História, Educação Física etc.). Pode-se afirmar que uma disciplina é legítima ou relevante para esta perspectiva de currículo quando a presença do seu objeto de estudo é fundamental para a reflexão pedagógica do aluno e sua ausência compromete a perspectiva de totalidade dessa reflexão. (Coletivo de Autores, 1992, p. 29)

Assim, as disciplinas que compõem o espaço escolar não são auto-suficientes para conduzir o aluno à reflexão. Por isso, uma única disciplina, enquanto saber sistematizado, não é capaz de conduzir o aluno a um conhecimento amplo. É necessário que se articule as diversas áreas do conhecimento não havendo, assim, a fragmentação do conhecimento que acaba gerando valores.

A expectativa da Educação Física no contexto escolar tem se desenvolvido com ênfase na aptidão física⁸, fruto de um processo histórico estruturado num alicerce ideológico de cada contexto.

A E. F, voltada para a aptidão física, consiste na idéia de fazer com que o aluno seja capaz de executar atividades corporais, o que lhe possibilitaria atingir em melhor rendimento de sua capacidade física. É nesta perspectiva que o esporte

⁸ “Aptidão física” é um conjunto de capacidades, tais como força, resistência e velocidade, que o indivíduo deveria ter para estar apto praticar atividades físicas. (PCNs, 2000, p. 27)

passa a ser um meio de se alcançar o alto rendimento.

Como no esporte, os conteúdos de ensino de E. F. são organizados na forma de técnica e tática, o que implica na sistematização de um ensino com tempo e espaço pedagogicamente necessária à aprendizagem.

A questão do tempo adequado às aulas de EF, atualmente não é considerado. As aulas são ministradas, em sua maioria, em dois tempos de cinquenta minutos cada, durante o horário regular de aula.

Em relação ao espaço, a ênfase no desporto, na aptidão física obriga que exista na escola um espaço diferenciado das outras áreas do conhecimento.

A questão de um espaço diferenciado para a aula de E.F., embora necessário, dá margem para uma E.F. pautada apenas nas atividades práticas e pretexto muitas vezes para não dar aula (nem teórica nem prática). Falas como “o sol está muito quente e, por isso, não dá para dar aula”, ilustram a questão de a aula só poder acontecer na quadra ou em espaços livres, como se a sala de aula não fosse um espaço para a E.F.

A E.F., na dinâmica curricular, busca uma reflexão pedagógica sobre as diversas formas de representação do mundo produzido durante um decorrer histórico expresso pelo corpo.

Segundo o PCN de E.F. (2000), a área de trabalho da E.F. está fundamentada no corpo e no movimento, atualmente não mais centrada nas concepções militaristas e/ou higienista e, sim, considerando as dimensões culturais, sociais, políticas e afetivas. Porém, até que ponto a ênfase higienista foi superada se o próprio PCN (2000) fala da importância da E.F. conscientizar e estimular a aquisição de hábitos saudáveis?

O enfoque ao corpo e ao movimento, como objeto central do processo de ensino da E.F. escolar, como é afirmado no PCN da área, acarreta na dicotomia corpo e mente. Tal fato possibilita uma depreciação desta disciplina enquanto prática educativa, tendo em vista que a E.F. escolar tem apenas se dado através de jogos, sem que haja uma mediação que possibilite novas aprendizagens, a não ser acerca do movimento.

Pensar hoje no espaço e no tempo destinado a E.F. no âmbito escolar é muito mais complexos que se possam imaginar, pois, tais aspectos possibilitam diversos debates acerca da forma com a E.F. tem sido posta em prática e a consequência desta forma de se fazer E.F.

Pedagogicamente, a E.F. escolar é tida como uma área do conhecimento que discorre sobre a cultura corporal configurada em seus conteúdos: jogos, esportes, dança, ginástica e luta.

A organização e seleção dos conteúdos específicos da E.F. requer uma reflexão sobre a realidade da maioria das escolas, o que demonstra a necessidade de uma adequação de teorias e práticas, o que afirmaria a não necessidade da E.F. se reduzir as aulas práticas como forma de mediar a aprendizagem.

3.2-Relação de troca

A escola é um subsistema social reprodutor de ideologias presentes na macro-estrutura social. Porém, esta micro estrutura social – a escola – não é um instrumento passivo, pois é uma estrutura autônoma, que possui poder de decisão que deveria atender seus próprios interesses, suas próprias lógicas, seu corpo pluriprofissional e pluridiscente, suas expectativas e seus valores.

As funções sociais deste organismo autônomo, que é a escola, não se resumem apenas na seleção, organização e seqüenciação de conteúdos. Sua função é subsidiar o desenvolvimento do aluno de forma integral, proporcionando o desenvolvimento dos aspectos biológicos, psicológicos, sociais, motores e culturais.

A escola deve proporcionar novos conhecimentos aos alunos sem abandonar os conhecimentos já acumulados pela própria experiência/vivência destes. Para que isso ocorra na escola, seus profissionais devem viabilizar um ensino menos fragmentado, permitindo o aluno fazer relações entre os vários conhecimentos, possibilitando a produção de novos saberes em busca de uma ação efetiva e participativa no meio em que vive.

Para que o ensino se dê de forma menos fragmentada, vale pensar na questão da interdisciplinaridade como meio inicial e, quem sabe, um caminho para se pensar futuramente na transdisciplinaridade⁹ onde a divisão por disciplina não será mais viável.

A transdisciplinaridade é uma questão mais complexa e mais inviável de ser posta em prática, tendo em vista a forma com que a escola se encontra estruturada.

⁹ Segundo Petraglia (1995), Morin afirma que na transdisciplinaridade ocorre um intercâmbio e articulações entre as disciplinas. Na visão deste autor, “na transdisciplinaridade há a superação e o desmoronamento de toda e qualquer fronteira que inibe ou reprime, reduzindo e fragmentando o saber e isolando o conhecimento em territórios delimitados.” (PETRAGLIA, 1995, p.74)

Por outro lado, a interdisciplinaridade é um mecanismo mais debatível do ponto de vista pedagógico e que pode tentar ser inserido no contexto escolar, tendo em vista que é possível duas ou mais disciplinas relacionarem seus conteúdos em busca do aprofundamento do conhecimento.

Na medida em que as várias ciências convivem lado a lado no contexto escolar, nas grades curriculares das escolas, seria inevitável o confronto de diferentes conhecimentos e a complementaridade destes tendo como objetivo comum o ensino de conteúdos que podem se entrelaçar.

A forma de agir dos professores limita o diálogo interdisciplinar nas organizações escolares, considerando que estes tendem a agir apenas sobre seus conteúdos, seus conhecimentos específicos, como se tais tivessem mais valor que os dos outros.

A escola acaba por afirmar a valorização de determinadas disciplinas em detrimento de outras. Isso pode ser evidenciado nas questões da carga horária, na deliberação dos conselhos de classes, no peso das notas avaliativas e no planejamento pedagógico. Esta é a forma com que a escola monta sua grade curricular e enfatiza um ambiente de ensino segregado.

Outro fator, que agrava essa segregação, é o fato dos conteúdos, as diferentes formas de ensiná-lo, os porquês de ensiná-los estarem permeados por valores ideológicos que fazem de um mesmo objeto coisas tão diferentes. Porém, é necessário que se transpasse a barreira dos campos ideológicos em busca de um ensino mais completo em que os diferentes objetos do conhecimento tenham um conhecimento mais complexo, mais integrador, dando sentido a própria produção do saber discente e docente.

A interdisciplinaridade é um meio de relacionar os conhecimentos e não torná-los arquivos separados dentro da cabeça de quem os ensina e dos que aprendem. E, também, é uma forma de complementação de saberes. Porém, para que haja esta interação é necessário que os educadores passem a entender todas as demais disciplinas como indispensáveis a formação do aluno, tanto quanto as suas.

Em relação a E.F., os professores desta área do conhecimento têm que modificar suas ações educativas de forma a não dissociar corpo e mente e não enforçar suas metodologias e conteúdos apenas nas meras práticas desportivas, sem propósitos, que é agravado pela própria diretriz da E.F. que enfatiza o desporto como campo de ação da E.F.

Para que a interdisciplinaridade aconteça é necessário que se efetive uma comunicação entre os diferentes campos disciplinares.

CAPÍTULO IV: ACHADOS E PERDIDOS: UMA REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Visando um debate sobre a contextualização da E.F. na escola e sobre a forma com que esta se dá e é compreendida neste contexto, foram realizadas entrevistas e observações como forma de proporcionar uma análise qualitativa de dados.

A presente pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Santos Dias (CESD) situado no bairro de Neves na cidade de São Gonçalo. Esta instituição de ensino atende as seguintes modalidades de ensino: Ensino Fundamental. (2º seguimento), Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno da noite.

O horário de funcionamento do colégio é das 7h às 22h e 30m, abrangendo três turnos (matutino, vespertino e noturno). O turno matutino abrange o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e o Ensino Médio, formação geral. O turno vespertino atende o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano. E o turno da noite abrange a modalidade de E.J.A. no Ensino Fundamental do 5º ao 9º ano e Ensino Médio, formação geral.

Quanto à estrutura física e humana, o colégio é de grande porte tendo em vista que este tem cerca de 17 salas de aula; 01 sala de professores; 01 de professores de E.F.; 01 refeitório amplo; 01 cantina; 01 quadra poli-esportiva; pátio amplo; 01 biblioteca; 01 auditório; secretaria; sala da direção; sala da coordenação pedagógica; hall de entrada; banheiro para professores e banheiros para alunos. Em relação ao contingente humano, a escola atende aproximadamente três mil alunos, possui um número relativamente grande de professores das diversas áreas do conhecimento, uma diretora principal e duas adjuntas, três orientadoras pedagógicas e um grande número de funcionários que atendem os demais setores da escola,

como a equipe de limpeza e equipe de cozinha.

Não se pode afirmar que o quadro de funcionários atende a demanda da escola, considerando que a escola abarca uma grande quantidade de alunos.

No que diz respeito aos materiais e condições de trabalho dos profissionais de E.F., é notório a falta de recursos que viabilizam uma prática adequada às propostas de uma E.F. engajada, em busca de uma mediação do conhecimento em relação a utilização de outros espaços diferentes da sala de aula. Tal fato é evidenciando pelo espaço disponibilizado para a realização de atividades práticas que é descoberto, ou seja, expõe os alunos e professores ao sol e a chuva.

Outro aspecto relevante a ser citado é o fato de muitas turmas terem que dividir um mesmo espaço durante a aula prática. Isso reflete a limitação do professor de E.F. a quadra e a bola como mecanismos de ensino.

O motivo que me conduziu a esta instituição para a coleta de dados foi o grande apreço que tenho por este colégio e pelos profissionais que nele atuam pelo fato de ser ex-aluna e acreditar que tal instituição contribuiu positivamente para minha formação enquanto ser social e pelo fato de ter escolhido a Educação Física e a Educação como área de atuação profissional em decorrência as diferentes experiências, positivas e negativas, que vivenciei naquele contexto.

Os professores entrevistados são das áreas de Geografia, Matemática e Educação Física. Todos são professores efetivos da Rede Estadual de Ensino.

O professor de Geografia formou-se no ano de 2003 e atua no magistério há cinco anos.

A professora de Matemática formou-se em 1978 e atua, enquanto docente, há acerca de trinta e cinco anos.

Um dos profissionais de E.F. entrevistados concluiu a graduação em 1997 e atua como docente há oito anos no campo da E.F. escolar.

A outra professora de E.F. formou-se em 1992 tendo dezesseis anos de docência, atua no Ensino Fundamental e Médio.

A pedagoga, que exerce a função de coordenação pedagógica atualmente, formou-se em 1986 e tem vinte e dois anos de docência.

As respostas coletadas e os fatos observados serviram de subsídios para uma reflexão concretizada na prática. Para maior compreensão a análise dos dados as respostas e observações foram organizadas em categorias. Passemos a elas.

4.1-O QUE É E.F.? Eis a questão?!

Os dados coletados a partir das entrevistas e observações possibilitam uma possível constatação sobre o que tais professores entendem por E.F.

Por meio das respostas obtidas podemos perceber as marcas que as tendências deixaram na E.F.

O professor de Geografia compreende a E.F. escolar como sendo “*conhecimento do corpo humano (anatomia e fisiologia), regras e práticas desportivas*”. Ao analisar a fala deste professor me deparei com um discurso que enfatizou a tendência militarista que , onde se enfoca a destreza por meio das práticas desportivas. Além disso, na perspectiva deste educador, a E.F. volta-se apenas para o corpo humano, detendo-se no conhecimento anatômico e fisiológico, como se quem atua na área de E.F. não fosse capaz de desenvolver posições críticas acerca de outros tipos de conhecimentos. Pensamentos estes expressos em falas comuns de graduandos dos cursos de E.F.: “eu não sabia o que eu queria cursar, por isso, vim fazer E.F.”.

Tal professor ao dizer que a importância da E.F. centra-se na “*disciplina*” e na “*atividade física*”, aponta para uma perspectiva altamente Militarista, pois esta tendência dá continuidade aos ideais higienistas (hábitos saudáveis e atividade física é um dos meios de se começar a adquirir hábitos saudáveis) acrescidas de uma ideologia adestradora.

Nas palavras da professora de Matemática, a E.F. escolar é “*a disciplina que auxilia o aluno plenamente, pois é uma forma lúdica de aprender...*”. Tal concepção de E.F. remete a tendência Pedagogicista que subsidia meios para efetivação da educação dos alunos e uma forma disso acontecer é através do lúdico. Entretanto, esta professora, ao afirmar que a importância da E.F. está “*na formação de personalidades a fim de que os educandos conheçam e respeitem normas*”, confirma o pensamento de Ghiraldelli Jr (1998), em que este sustenta a idéia de que uma E.F. comprometida com o trabalho escolar não rompe com os parâmetros de uma E.F. Militarista.

Do ponto de vista da Coordenadora Pedagógica, a E.F. escolar é um “*conjunto de atividades físicas desenvolvidas pelos discentes, sendo estabelecidas determinadas modalidades esportivas por série, aliando teoria e prática à formação*

para a cidadania solidária.” A partir desta fala, pode-se dizer que encontra-se enraizada nestas as abordagens pedagógicas Desenvolvimentista e a dos PCNs.

Quando aparece na fala “*determinadas modalidades por série*”, há uma marca da abordagem Desenvolvimentista que aponta a necessidade de proporcionar atividades de acordo com a faixa etária do desenvolvimento. Por outro lado, quando é evidenciado na fala desta educadora “*formação para cidadania solidária*” recai-se sobre a tendência popular e sobre a abordagem dos PCNs que apontam como sendo um dos objetivos da E.F. escolar, na formação da cidadania do aluno, induzir o aluno a “participar de diferentes atividades corporais, procurando adotar uma atitude cooperativa e solidária, sem discriminar os colegas...” (PCNs, 2000, p. 63).

Há também uma efetivação da abordagem do PCN na fala da professora quando esta afirma que a importância da E.F. encontra-se no “*desenvolvimento de uma consciência cidadã que vê no outro um semelhante, e não um adversário*”.

Na perspectiva da professora de E.F., “*é a prática de uma E.F. na escola que poderá favorecer o aluno nas suas atividades, levando-o a conhecer suas potencialidades e limitações*”. Tal perspectiva sobre E.F. escolar também está relacionada a abordagem dos PCNs que aborda a questão do desenvolvimento e conhecimento de suas potencialidades e limitações através de ações autônomas.

Trazendo os PCNs ainda, a professora afirma que a E.F. “*deveria contribuir para o pleno desenvolvimento do exercício da cidadania*”. Entretanto, “*só tem preenchido lacunas*”. A fala desta educadora afirma uma posição de descontentamento, enquanto professora de E.F, em decorrência de ações que não valorizam a área.

O professor de E.F entende que esta “*disciplina é responsável em transmitir conhecimentos sobre o corpo nos aspectos biológicos, culturais e sociais, buscando o desenvolvimento crítico nos educandos por meio de observações e reflexões no cotidiano escolar, utilizando, dentre outras, ‘ferramentas’ no esporte*”. A idéia deste professor em relação à E.F. escolar atende os princípios de uma E.F. renovada, voltada para a formação integral do aluno num paradigma emancipatório, pautado numa formação crítica.

Vale ressaltar na fala deste educador, a importância da observação como meio de refletir sobre as ações educacionais. Afinal, a observação é um meio pelo qual o educador pode entender melhor o contexto no qual se encontra inserido, podendo atuar de forma mais precisa sobre tal realidade.

Outro aspecto relevante na fala deste professor é quando este afirma que o esporte é uma “*ferramenta*” educativa. Tal fala expressa marcas da tendência pedagogicista que utiliza-se do esporte como meio de educar.

A reflexão sobre o que seja E.F, a partir de falas de educadores que estão presentes no contexto escolar, seja como atores ou enquanto coadjuvantes/expectadores, proporciona a confirmação de marcas historicamente e socialmente construídas acerca desta área do conhecimento.

4.2-Como a E.F. tem se concretizado na escola?

Segundo o professor de Geografia, a E.F. tem se dado “*de forma previsível*”. Esta resposta pode está atrelada ao fato desta disciplina, na maioria das vezes, estar se efetivando por meio do “rola-bola”, onde o professor simplesmente dá uma bola aos alunos e se posiciona ao lado da quadra para observar sem nenhuma finalidade pedagógica.

Este mesmo professor entende que a EF é uma “*recreação assistida*”. Tal concepção é respaldada, talvez, pela forma com que o professor de EF tem atuado, muitas vezes se detendo como mero espectador de um momento onde os alunos não se encontram limitados a uma carteira e, sim, jogando, conversando e agindo espontaneamente.

A professora de Matemática afirma que a efetivação da E.F. neste contexto “*depende de dois fatores: atuação do profissional e o espaço permitido pela escola (subsídio)*”. Quando está educadora destaca este dois fatores, com aspectos que implicam na forma com que a E.F. acontece na escola, ela não isenta do profissional de E.F. a responsabilidade de se realizar uma E.F. de qualidade dentro do espaço escolar. Porém, não atribui apenas aos professores a responsabilidade, ao dizer que a prática desta disciplina também depende dos subsídios disponibilizados para esta.

Muitos professores de E.F. justificam o “rola-bola” pelo fato de não terem recursos que auxiliem uma prática diferenciada, que atenda todo o alunado e que contemple as diferenças. Entretanto, acredito que, enquanto educadores, é necessário que não devamos nos acomodar pela falta de recursos. É necessário que busquemos novos mecanismos que auxiliem o processo de ensino-aprendizagem, mas sem normalizar o fato de não se ter aparatos físicos para dar aula. Assim, o educador não deve deixar de exercer seu papel e também deve requerer seus direitos às condições dignas de trabalho (recursos didáticos, piso

salarial melhor e reconhecimento).

A Coordenadora Pedagógica parece entender que a E.F., no contexto escolar, tem assumido o papel de adestradora, homogeneizadora. Tal aspecto fica nítido quando esta declara que *“os alunos oriundos de outras unidades apresentam aspectos que devem ser trabalhados sistematicamente. No decorrer do período letivo, vão se adequando ao perfil (de alunos antigos) e adotam uma postura condizente com o padrão estabelecido pelo colégio”*.

Como foi afirmado no Capítulo I, a concepção Militarista deixou marcas difíceis de serem apagadas. Quando se fala *“ao decorrer do período vão se adequando”*, pode-se perceber que tal expressão encontra-se impregnada de uma ideologia adestradora presente na tendência militarista. Tal ideologia está pautada na meta de se atingir em determinado padrão, como se pode perceber no término da fala *“adotam uma postura condizente com o padrão estabelecido pelo colégio”*.

Segundo Foucault (2007), a escola, ao disciplinar, estabelece normas que acabam por homogeneizar os indivíduos que povoam aquele determinado espaço. Fazendo com que estes tenham que agir e pensar de uma mesma maneira como forma de se enquadrarem a mecanismos de funcionamento daquela instituição.

A professora de E.F. acredita que a disciplina tem acontecido por meio da criatividade do professor da área. Segundo ela, a criatividade é uma forma de suprir *“a fragilidade de recursos físicos e materiais”* que está presente no cotidiano de todos os educadores de E.F. ou não. Mas será que está criatividade realmente se efetiva na prática da maioria dos profissionais?

No ponto de vista do professor de E.F., *“a Ed. Física no contexto escolar tem se dado de modo secundário na visão da direção, pois a mesma possui pouco conhecimento em relação à disciplina e seus objetivos. Tratando-a como adestradora e disciplinadora dos alunos por meio do esporte”*.

A visão do professor de E.F. recai sobre a questão da marginalização da área em relação às outras. Talvez isso ocorra em função de quatro fatores: a administração escolar que detém sua atuação muitas vezes voltada para aspectos financeiros, deixando de lado o conhecer, pelo menos superficialmente, tudo que venha compor o ambiente escolar; a questão cultural, percebida no imaginário social, que atribui valores às disciplinas que “preparam” o aluno para um processo de seleção fora da escola, esquecendo-se ou desconhecendo que a E.F., embora trabalhe com conteúdos específicos para tal situação, pode contribuir para o

desenvolvimento global do aluno, conduzindo-o a um pensamento crítico acerca de diferentes questões, ao desenvolvimento biológico, a um controle psicológico e afetivo. O fato dos professores tenderem a valorizarem apenas seu campo de atuação, fragmentando o ensino pode contribuir para a forma de atuação dos profissionais de E.F. que centrarem suas práticas no desporto, na maioria das vezes.

O contexto escolar não deve ser um espaço dicotômico. Tudo deve se entrelaçar em busca de um processo de ensino-aprendizagem mais conciso, que realmente atenda as necessidades daqueles que são sujeitos do conhecimento. Assim, é fundamental que se pense numa escola engajada, que busque uma Educação de qualidade, onde os profissionais atuantes nestes espaços se vejam como mediadores do conhecimento e que, juntos, possam contribuir para a efetivação de uma Educação para todos.

Em relação ao planejamento de reuniões para discutir sobre E.F., o professor de Geografia responde que não tinha informações. Tal resposta demonstra o fato de que os educadores só se preocupam com sua própria área de atuação, contribuindo para afirmação de uma escola segregada. O que acontece, de vez em quando, é que durante reuniões pedagógicas há algumas colocações dos professores de EF em relação a algum assunto abordado.

A professora de Matemática, a Coordenadora Pedagógica e a professora de E.F. declararam que somente há reuniões pedagógicas para discutir sobre E.F. no início do ano letivo apenas envolvendo profissionais da área com o intuito de realizar o plano de curso do ano vigente. E, segundo a Coordenadora Pedagógica, no decorrer do ano letivo, caso os professores necessitam de qualquer tipo de suporte, estes deverão se dirigir à Coordenadora Pedagógica. Ela justifica a fala dizendo que *“é difícil reunir os professores novamente em função da diferença de horários”*.

Entretanto, pensar numa E.F. engajada à proposta pedagógica da escola e vice-versa, não é se deter apenas a uma reunião por ano. É necessário que sempre se discuta sobre aspectos positivos e negativos ocorridos, como forma de manter um diálogo contínuo que acarrete numa educação de qualidade que atenda a realidade a que se propõe sem afirmar um ensino fragmentado, onde cada um cumpra seu papel, ou finge que o cumpre, e pronto.

Além disso, é fundamental que nas reuniões pedagógicas todos educadores das diversas áreas participem como forma de conhecer um pouco o trabalho do

outro e contribuir para a melhora do processo ensino-aprendizagem. Só a partir desta prática, é que se torna possível uma proposta interdisciplinar.

O professor de E.F. diz que não há reunião pedagógica para nenhuma disciplina.

4.3-Qual o papel do professor de E.F.?

O professor de Geografia entende que o papel do professor de E.F. seja “*educar, disciplinar*”. Tal perspectiva sobre o professor de E.F. remete a tendência militarista, onde o professor desta disciplina utilizava o desporto como meio de educar e disciplinar os alunos.

Do ponto de vista da professora de Matemática, o papel do professor de E.F. centra-se em “*contribuir na formação do cidadão (valores, espírito competitivo, liderança, iniciativa, etc.)*”.

Ao afirmar que o professor de E.F. deve contribuir para formação do cidadão, recai sobre a abordagem dos PCNs que esta voltada para uma proposta de E.F. que deve propiciar a formação da cidadania no aluno por meio da cultura corporal defendida por esta abordagem.

A concepção de cultura corporal amplia a contribuição da Educação Física escolar para o pleno exercício da cidadania, na medida em que, tomando seus conteúdos e as capacidades que se propõe a desenvolver com produtos socioculturais, afirma como direito de todos o acesso a eles. (PCNs, 2000, p 28)

Em contra ponto, quando a professora aponta para uma formação de espírito competitivo, liderança e iniciativa, encontra-se marcas de uma E.F. tecnicista, centrada no paradigma da desportivação, onde as práticas pedagógicas reforçam a competitividade e o esforço próprio.

Segundo a Coordenadora Pedagógica, o papel do professor de E.F. não se diferencia dos demais, pois “*todos são orientadores da aprendizagem [sic] tendo como objetivo preparar os alunos para as questões do seu cotidiano, nos núcleos familiar, escolar, com os amigos e o profissional, pois toda a orientação é para inserção no mercado de trabalho*”.

A partir da fala desta Pedagoga, cabe indagar até que ponto tem-se

preparado o aluno para a realidade?

Para a professora de E.F., o papel do profissional que atua nesta área é *“inserir o aluno em atividades físicas e desportivas visando uma melhor qualidade de vida e integrando-o a sociedade”*. Esta visão demonstra uma ação educativa ainda impregnada pela concepção de uma E.F. pautada no ideário da cultura do corpo ainda vinculada ao desporto como meio de educar, como se a E.F. se resumisse apenas a uma prática desportiva, a uma bola, a uma quadra. Cabe pensar numa E.F. que não contemple apenas o corpo, mas também a mente, não como aspectos dicotômicos e sim, como complementares. Afinal, corpo inexistente sem mente e esta depende do corpo para por em prática tudo que “deseja”.

Na fala da professora é notório as ideologias dos PCNs que se fundamentam na perspectivas de desenvolver no aluno uma consciência corporal e social, resultando numa ação autônoma por meio das atividades físicas.

O professor de E.F. aponta o papel do profissional desta área como sendo *“secundário”*. Este educador demonstra uma insatisfação com a forma com que a E.F. tem sido compreendida e o espaço atribuído a esta no contexto escolar. Porém, a E.F. escolar tem que transpor os limites do “rola-bola” e assumir o compromisso e o desafio de ensinar, não apenas adestrar para o movimento e para a disciplina. Talvez este seja o pontapé inicial para o refúgio da marginalização.

4. 4-Quais as maiores dificuldades/desafios enfrentados pela E.F. no contexto escolar?

Num apanhado das respostas foi constatado que as dificuldades/desafios enfrentados pela E.F. no contexto escolar são: falta de materiais, instalações inadequadas, espaço físico inadequado, os alunos entendendo a E.F. como uma mera disciplina da grade curricular, os alunos desinteressados e difíceis de lidar e a não relevância da disciplina tanto quanto às demais.

Como a E.F., enquanto disciplina escolar, tem sido apoiada na perspectiva da cultura corporal e na utilização do desporto como mecanismos de ensino/educação, a falta de material didático e instalações adequadas tem sido fatores de grande relevância, talvez para justificar uma prática isenta ou pouco engajada com os

aspectos educativos.

Foi apontada a questão da E.F. não ser considerada tão relevante quanto outras áreas do conhecimento. Segundo Sousa & Vago (1999), o status de reconhecimento está associada a uma hierarquia dos saberes. Neste sentido, Sousa & Vago (1999) afirmam que:

[...] é a rígida hierarquia dos saberes escolares fortemente enraizada na escola, que privilegia determinados componentes representados como essenciais, desprezando outros considerados periféricos. Nesse enfrentamento, a centralidade da dimensão intelectual dos seres humanos nas práticas escolares, em detrimento da sua dimensão corporal, é um dos aspectos a problematizar. Conceber e tratar os seres humanos numa perspectiva omnilateral pode se um caminho interessante a percorrer na escola. (p.34)

No que diz respeito aos alunos, cabe ao professor assumir seu papel de educador, de mediador do desenvolvimento. Assim, é necessário que se assumam as dificuldades de forma a desenvolver meios que atraiam os alunos para uma participação efetiva nas aulas de maneira que estes reconheçam a importância da E.F. como qualquer outra área do conhecimento.

Paulo Freire (1996) me faz refletir que

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. (p. 64)

4.5-É possível a interdisciplinaridade entre a E.F. e as demais áreas de ensino?

Três educadores entrevistados acreditam ser possível a interdisciplinaridade.

Porém, no ponto de vista da professora de Matemática, é necessário que “*a dinâmica da escola não fique somente no papel e que haja ação e integração de todos*”. Tal aspecto pode ser reforçado por dois fatores: a falta de clareza do que seja interdisciplinaridade e pelo fato dos professores tenderem a valorizar apenas suas especificidades.

Duas educadoras não foram precisas em suas respostas, dando margem

para entender que ambas não têm certeza do que realmente consiste a interdisciplinaridade.

Segundo Morin, a interdisciplinaridade é uma “colaboração e comunicação entre disciplinas, guardadas as especificidades e particularidades de cada uma” das disciplinas. (apud PETRAGLIA, 1995, p 74)

Para que a interdisciplinaridade realmente possa ser efetivada, é necessário que os professores não façam da troca uma briga de egos, tentando a todo momento impor uma soberania sobre as outras e impossibilitando que o ensino se dê de forma menos fragmentado e que a dicotomia entre os saberes ainda imperem no contexto educacional.

CONSIDERAÇÕES-A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: UMA CONVERSA

Como já foi visto anteriormente, a E.F. há muito vem assumindo, dentro do sistema escolar, o papel de reprodutora de ideologias dos projetos hegemônicos de nossa sociedade, abrindo mão de uma autonomia pedagógica própria.

A forma com que a EF tem se concretizado na realidade escolar está intimamente relacionada às tendências pedagógicas adotadas ao decorrer de um processo histórico e que deixou marcas até hoje na efetivação da prática desta área do conhecimento.

A EF, marcada por ideologias, sempre foi entendida como um aparato pedagógico que servia para viabilizar o desenvolvimento do aluno para uma dada finalidade previamente determinada. Isso ficou claro nas tendências pedagógicas quando a EF voltou-se para educar ou transmitir ideais higienistas, militaristas, pedagogicistas, competitivistas e até mesmo progressistas.

Por meio da análise das entrevistas, foi notado que a EF ainda é compreendida como um mero rola-bola, uma “*recreação assistida*”, uma prática adestradora e homogeneizadora, uma área marginalizada que assume um papel “*secundário*” dentro do contexto escolar.

Tais pensamentos são frutos da própria prática da EF que, por sua vez, trazem resquícios de um passado que norteou e ainda norteia a forma com que a EF acontece nas escolas.

Nas falas dos professores entrevistados e nas observações de algumas aulas desta disciplina foi notório o fato de que o esporte tem permeado frequentemente a prática da EF escolar.

O desenvolvimento da aptidão física por meio do esporte, do condicionamento, visando à superação de limites e a segregação “fracos-fortes”, tornou-se um meio educativo que perpassa à proposta da E.F. escolar há muito

tempo. Tal aspecto remete a pensar até que ponto as abordagens pedagógicas realmente romperam com o paradigma tecnicista/esportivizante presentes na EF.

A prática de E.F. escolar tem se resumido na realização de esportes coletivos. Hoje, porém, talvez não tanto com a finalidade educativa.

Como pude perceber na prática, a EF tem utilizado o esporte como forma fácil de dar aula. Pois, é muito mais prático dar uma bola aos alunos para que estes joguem, o famoso 'bola rola', do que elaborar uma aula com fundamentos e objetivos que contemplem realmente o desenvolvimento crítico-emancipatório do aluno, pelo movimento ou não. Por outro lado, não deixo de acreditar que o ato de jogar, apenas por jogar, não conduza o aluno a determinados desenvolvimentos como a consciência espaço-temporal. Porém, a prática da EF não deve ser resumida apenas a prática desportiva, como tem acontecido freqüentemente.

Vários aspectos contribuem para que se acentue esta realidade, dentre elas, a falta de recursos nas escolas e a não valorização da área, em decorrência da forma como os professores tem atuado. Tal fato pode ser evidenciado pela fala dos professores entrevistados.

Mediante a vivência prática no campo da E.F. escolar, volto a afirmar que esta não tem atendido os parâmetros de uma E.F. de qualidade, que compreende seus alunos como sujeitos da aprendizagem que devem ser estimulados de diversas formas a fim de se desenvolverem em relação aos aspectos biológicos, sociais, físicos, cognitivos, motores, culturais e afetivos por meio de um pensamento crítico. Em função disso, acredito que a E.F. escolar não deva se restringir aos esportes, sendo necessário que os educadores da área repensem suas formas de mediar o processo de ensino aprendizagem de seus alunos.

Repensar o esporte, enquanto prática pedagógica é válido, a partir do momento em que este seja considerado como um dos objetos utilizados por esta área do conhecimento como forma de instigar o conhecimento e o desenvolvimento humano, contemplando os aspectos bio-psico-social-motor e cultural. Entretanto, a forma como o esporte vem sendo utilizado na escola pela E.F. deve ser revista.

Com isso, penso que cabe ao professor de E.F. modificar sua forma de atuação como meio de tentar transformar a forma com que a E.F. é compreendida no contexto escolar pelas demais áreas do conhecimento e pela parte pedagógica da escola. Cabe ao professor assumir para si o desafio e o compromisso de ensinar, de mediar a formação integral do aluno de forma que este possa verdadeiramente

conhecer, refletir e atuar sobre toda realidade vivida.

Considero, assim como inúmeros teóricos da Educação, como Freire (1996), que através da relação com o outro os alunos aprendem. Mas em determinados momentos, em decorrência de erros ou de situações novas, é fundamental a interferência do professor como modo de proporcionar novas aprendizagens. Entretanto, o que tem ocorrido é o inverso, o professor tem deixado a parte seu papel enquanto mediador do conhecimento e tem assumido em mero papel de observador, “emprestador” de bolas, isso quando as têm.

Entendo que a E.F. escolar pode favorecer a autonomia dos educandos, a ponto destes escolherem e realizarem atividades de interesse. Entretanto, os profissionais da área não podem se abster da função de mediadores do conhecimento/desenvolvimento, criando possibilidades de vivências de situações novas, socialização, estimulando o conhecimento individual das pontualidades e limitações de cada um. (PCNs,2000).

Desta forma, o professor mediador deve auxiliar o aluno no processo de desenvolvimento, estimulando e desenvolvendo mecanismos, métodos que possibilitem este desenvolvimento que não se restringe apenas ao campo cognitivo, mas contempla também os campos afetivos, das relações sociais, culturais e motor. Entretanto, na prática, o professor tem resumido seu papel à mera observação (*“recreação assistida”*) e à arbitragem.

A questão do professor de EF muitas vezes apenas observar os alunos durante as aulas é válida, a medida que esta observação seja uma maneira de entender o aluno como forma proporcionar uma educação de qualidade que contemple o aluno em todos seus aspectos e individualidades. Porém, o que pude presenciar é uma observação sem fins pedagógicos do tipo *“eles jogam e eu observo por não ter nenhuma atividade para fazer”*. Desta forma, o professor não tem exercido seu papel enquanto mediador da aprendizagem.

Acredito que a observação compõe o processo de ensino-aprendizagem de forma que o docente entenda melhor o contexto no qual se encontra inserido e a realidade com a qual esta lidando. Entretanto, passar todo o tempo só observando, sem intervir quando necessário, contribui para que a Educação se torne um ato que deixe a desejar e, no caso da E.F. escolar, contribui para o desenvolvimento da concepção de que esta é uma disciplina sem finalidades, melhor uma disciplina que deveria servir apenas como formadora de hábitos saudáveis e disciplinadores.

Em fim, observando como a E.F. tem se dado no contexto escolar, acredito que esta prática ainda está permeada de valores voltados, na maioria das vezes, para as práticas desportivas, talvez não mais visando a aptidão física, mas como reflexo de uma insatisfação e/ou acomodação com o lugar que a E.F. tem ocupado neste espaço. Porém, ao enfatizar uma prática baseada no desporto deixa-se de lado a perspectiva progressista da E.F. que propõe uma formação crítica, onde o aluno deverá ser estimulado a refletir, questionar e atuar sobre a própria realidade.

Tendo em vista tudo que já fora refletido em relação a efetivação da EF e a pratica de seus educadores, tais fatores me remetem a indagações. Será, então, que a não “valorização” da E.F. escolar é reflexo da forma de atuação dos profissionais da área? Ou a forma de atuação destes profissionais na escola é reflexo da maneira com que esta é compreendida?

Refletir o que é E.F. escolar, não é pensar numa mera prática centrada no movimento com ou sem bola, mas numa disciplina que pode articular corpo e mente em busca da formação global como sujeitos do processo ensino-aprendizagem.

Sendo a EF, atualmente “reconhecida” como uma disciplina da área da saúde e da educação, acredito que é possível a interação desta com as demais disciplinas como forma de abordar temas diversificados que estimulem e propiciem o desenvolvimento crítico mais sólido, embasado e menos fragmentado.

Para que esta integração entre disciplinas ocorra e que as trocas realmente aconteçam, sem que uma tente ser soberana sobre a outra, é necessário que os educadores “reformem seus pensamentos”¹⁰ como meio de subsidiar uma mudança gradativa em busca da construção de um saber menos fragmentado e uma escola menos segregada.

Ao tentar refletir sobre o que é EF, qual o seu papel, como tem se efetivado, qual o valor que tem sido atribuída a esta e sobre uma possível interdisciplinaridade a partir desta ou com esta, não tive como princípio chegar a uma conclusão, mas sim abrir todas estas discussão. Por isso, retorno ao início, remetendo-me a questão inicial: O que é Educação Física? Eis a questão!?

¹⁰ Pensamento de Morin apresentado por Petraglia (1995).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Cláudio L. de Alvarenga. Educação Física Escolar: as representações sociais. Rio de Janeiro, Shape, 2001.

BRACHT, A. A Educação Física: a busca da legitimação pedagógica. Congresso Mundial da AIESP. Rio de Janeiro: UGF/ AIESEP, 1991.

BRASIL, Lei n° 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Câmara dos Deputados: Brasília, 1996.

BRASIL, Decreto n°10.793, de 1º dezembro de 2003. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Câmara dos Deputados: Brasília, 2003.

CASTELLANI FILHO, L. Pelos meandros da Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 14, n° 03, pp. 119-125, 1993.

COLETIVO DE AUTORES. METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. São Paulo: Cortez, 1992.

CONSELHO Nacional de Educação Física. Carta do CONFEF. Rio de Janeiro, 07/maio, 2006. Disponível em: <<http://www.confef.com.br>>. Acesso em 08/maio, 2006.

DARIDO, Soraya Cristina. Educação Física na escola/ Questões e Reflexões. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DCDE, CERI. "A Interdisciplinaridade: problemas do ensino e da pesquisa nas Universidades." Paris, 1972.

ESCOLA NOVA. Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/aniescnova.htm>. Acesso em: junho, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio século XXI: O minidicionário da língua portuguesa. 4ªed.rev.ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Rachel Ramallete. 34ed.Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro. Teoria e prática da Educação Física. Campinas: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. Pensamento pedagógico brasileiro. SP: Ática, 1994.

GALLARDO, Jorge Sergio Pérez (coord.). Educação Física: Contribuições à formação profissional. 4ª ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GHIRALDELLI, Paulo Júnior. Educação Física Progressista - A Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira. São Paulo: Loyola, 1998.

KUNZ, Eleonor. Educação Física: ensino & mudanças. Ijuí: Unijuí, 1994.

_____. Educação Física: ensino & mudanças. Ijuí: Unijuí, 2004.

LE BOUCH, J. A Educação Física pelo movimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MANOEL, E. J. Desenvolvimento motor: implicações para a Educação Física escolar. In: Revista Paulista de Educação Física, n° 8, v1, pp 82-87, 1994.

MARIANO, Ricardo. Metodologia do ensino da Educação Física. 10/maio/2007. Notas de aula.

MEDINA, João Paulo Subirá. A Educação Física cuida do corpo e ... "mente": Bases para a renovação e transformação da Educação Física. 9ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1990.

NHARY, Tania Marta Costa. O lugar da ludicidade no cotidiano escolar: uma prática pedagógica em questão. In: VIII Encontro Fluminense de educação física escolar: Cultura e educação física escolar. Niterói: UFF, 2004. Anais...

_____. Contribuições dos profissionais da educação física na formação de professores da educação básica: In: IX Encontro Fluminense de educação física escolar: A formação de professores: a licenciatura em foco. Niterói: UFF, 2005. Anais...

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Educação Física humanista. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: EDUCAÇÃO FÍSICA/ Secretaria de Educação Fundamental. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. Edgar Morin: A educação e a complexidade do saber. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

RESEDE, Helder Guerra de. Tendências pedagógicas da Educação Física escolar. In: RESENDE, Helder Guerra de, VOTRE, S. J (org.). Ensaio sobre Educação Física, esporte e lazer: Tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: Gama Filho/SBDEF, 1994.

_____; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Conhecimento e especificidade da Educação Física escolar, na perspectiva da cultura corporal. REVISTA PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. São Paulo, n° 2, pp. 49-59, 1996.

ROUSSEAU. Site Wikipedia. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Tabula_Rasa. Acesso em: março, 2008.

SILVA, Sheila A. P. Educação Física escolar: relações com outros componentes curriculares. Revista Motriz- vol. 2, Dezembro/ 1996.

SOUSA, Eustáquia Salvadora & VAGO, Tarcísio Mauro. A educação física e as Diretrizes Curriculares nacionais para o ensino fundamental. In: Congresso Região Sudeste do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte- Jornada Pré-Conbraa, 1, 1999, Campinas. Anais...

SOUZA, A.M..A Educação Física em face da criminalidade. In Revista Brasileira de Educação Física, Brasília n° 19, 1974.

VAZ, Alexandre Fernandes; SAYÃO, Deborah Tomé; PINTO, Fábio Machado (orgs.) Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de Ensino de Educação Física. Florianópolis: UFSC, 2002.

VEIGA, I.P. Escola, currículo e ensino. In IPA. Veiga e M. Helena Cardoso (org). Escola fundamental: Currículo e ensino. Campinas: Papirus, 1991.

